

módulo I

O que aconteceu antes de Jesus nascer?



fica

formação e iniciação cristã de adultos

"Eu Sou aquele que Sou."

Êxodo 3, 14

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida."

João 14, 6

***"O Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome,
ensinar-vos-á todas as coisas
e vos recordará tudo o que vos tenho dito."***

João 14, 26

Índice

Sobre o FiCA?

É um grupo que proporciona formação no âmbito da catequese católica para adultos, a partir da Paróquia Nossa Senhora da Areosa (no Porto), desde há vários anos. Propõe um curso de iniciação cristã, dividido em 3 módulos de formação contínuos e interligados.

Sobre o curso

O curso baseia-se na Sagrada Escritura e na Tradição viva da Igreja, que constituem um só sagrado depósito da fé, do qual a Igreja recebe a certeza acerca de todas as coisas reveladas.

I.01. O Homem é capaz de Deus

O desejo de Deus está inscrito no coração humano. Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem é capaz de conhecer e amar o seu Criador. “Inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em Ti”. A fé é a resposta livre a esta sede de infinito.

I.02. Deus mostrou-se a si mesmo

Deus revelou-se progressivamente ao longo de 20 séculos, culminando em Jesus Cristo. A revelação chega a nós pela Sagrada Escritura e pela Tradição. A Bíblia é inspirada pelo Espírito Santo, verdadeira naquilo que se refere à nossa salvação.

I.03. O mundo tem uma fenda

Toda a criação de Deus é boa e a humanidade é o seu culminar. Mas o pecado introduziu divisão e morte. O relato de Adão e Eva mostra a tentação de viver sem Deus. O pecado original é uma ferida que todos herdamos. Contudo, Deus prometeu um Salvador.

I.04. A escolha de uma família

Deus chama Abraão, promete-lhe uma terra, uma descendência e a sua benção. A história das 3 gerações seguintes, Isaac, Jacob e José, mostra que Deus realiza o seu plano através de pessoas frágeis e inusitadas. A eleição do povo de Israel almeja a salvação de todos os povos.

I.05. A salvação e as águas

Deus liberta Israel da escravidão do Egito por meio de Moisés. A travessia do Mar Vermelho é a prefiguração do Batismo: passagem da escravidão para a vida nova. O povo é alimentado no deserto com a água da rocha e o pão do céu.

I.06. Os mínimos olímpicos

No Sinai, Deus dá a Lei ao seu povo: os Dez Mandamentos, a base mínima da vida espiritual. São caminho de liberdade, não de escravidão. Em Cristo, a Lei encontrará a sua plenitude nas Bem-aventuranças, que nos chamam ao “ouro” do amor perfeito.

I.07. A escolha dos homens e os ungidos de Deus

O povo de Deus pede um rei “como os outros povos” e o Senhor permite Saúl como primeiro rei de Israel. Mas após Saúl se iludir no caminho, Deus escolhe David, pastor humilde e cheio de fé, para liderar o seu povo. O critério divino não é a aparência, mas o coração.

I.08. No melhor pano cai a nódoa

David, apesar da sua grandeza, cai em pecado no episódio com Betsabé e Urias. Mas reconhece a sua culpa e reza o Salmo 51. A misericórdia de Deus perdoa, mas as consequências permanecem. Salomão, que sucede a David, começa por ser sábio aos olhos de Deus, mas termina corrompido pela idolatria.

I.09. A árvore decepada e o rebento

Por altura da divisão dos reinos do Norte e do Sul, surgem os profetas. Elias defende o Deus único contra Baal. Amós denuncia as injustiças sociais e o desprezo pelos necessitados. Isaías anuncia o *Emanuel*, o rebento que brotará do tronco de Jessé, trazendo paz e justiça.

I.10. A vida no exílio e a terceira via

Com a queda de Jerusalém, Israel é exilado na Babilónia. O profeta Jeremias anuncia uma nova aliança escrita no coração. O profeta Ezequiel fala-nos pela imagem dos ossos que se voltarão a revestir de vida. Daniel no exílio mostra a possibilidade de uma terceira via: viver para a Babilónia mas sem trair a fé.

I.11. O recomeço e a renovação dos corações

O regresso do exílio é marcado pela reconstrução do Templo e das muralhas. Mas o essencial é a renovação interior. Esdras lê a Lei ao povo, que chora e se alegra: “A alegria do Senhor é a nossa força”. A partir daqui nasce a tradição da escuta da Palavra e a prática da sinagoga.

I.12. À espera do Messias

Os profetas não são adivinhos, mas vozes de Deus para o presente. Contudo, as suas palavras ganham plenitude em Cristo: Emanuel, luz da Galileia, Servo Sofredor. Em Jesus, todas as promessas encontram cumprimento. Ele é o rebento do tronco seco, o Messias esperado.

Apêndice

Orações

Fórmulas da catequese

Quiz - módulo I

Sobre o fica

numa frase “A Igreja viva não é um clube de gente perfeita. É, pela vontade de Jesus, um lugar para a mudança gradual de gente comum.”

Bernhard Meuser in YOUCAT

para quem? “Todos, todos, todos...”

Papa Francisco, JMJ Lisboa 2023

Todos são bem-vindos, dos 18 aos 81 anos, independentemente de:

- do caminho percorrido até aqui
- do nível de conhecimentos
- da intensidade individual de cada um(a).

O FiCA está aberto a receber:

- quem se propõe receber Batismo, Eucaristia e Crisma
- quem quer progredir no conhecimento e vivência da fé
- quem quer a exercer a sua cidadania cristã na comunidade

como?

Encontros semanais de formação de iniciação cristã:

- conhecer ou aprofundar os fundamentos da fé católica
- percurso de 3 módulos desenhados para interpelar cada pessoa:
“Qual a relação disto com a minha vida?”

Projetos práticos para “ficar” integrado na comunidade:

- momentos de grupo que complementam a formação;
- ações de voluntariado para enriquecer a comunidade,
- expressão dos talentos individuais, que conjugam fé e serviço.

onde?

Nos grupos FICA na Paróquia Nossa Senhora da Areosa, Porto:

- desde 2016/17, este projeto de catequese católica tem vindo a amadurecer dentro desta comunidade paroquial.
- habitualmente existem duas turmas de formação a funcionar entre o final de Setembro e o final de Junho
- em 2024/25, o FiCA lançou um Podcast como complemento à formação presencial e que permite a quem está à distância possa beneficiar dos conteúdos preparados no curso.

Sobre o curso

Este é um curso de catequese católica que pretende proporcionar uma formação sólida, mas com linguagem e métodos acessíveis. O curso está dividido em 3 módulos contínuos e interligados, tentando analisar a Revelação de Deus à humanidade, desde o início dos tempos até ao dia de hoje.



módulo I O que aconteceu antes de Jesus?

- A resposta está no Antigo Testamento, no qual a figura central é Deus Pai.
- Ele que escolhe uma pessoa, uma família, um povo para Se revelar ao mundo.
- A riqueza do Antigo Testamento para os cristãos reside no *"testemunho da divina pedagogia do amor de Deus" e na preparação para a vinda de "Cristo Salvador do Universo"* (CCIC nº 21).

módulo II O que aconteceu na vinda de Jesus?

- A resposta está no Novo Testamento, em que a figura central é Deus Filho,
- Jesus que é "a definitiva Revelação de Deus".
- Como nos refere S. João da Cruz: *"Deus disse-nos tudo ao mesmo tempo e duma só vez, e nada mais tem a acrescentar"* (CCIC nº 9).

módulo III O que aconteceu após Jesus e até hoje?

- A resposta é a Igreja e os seus Sacramentos, e a figura central é Deus Espírito Santo.
- Ele foi enviado pelo Pai e pelo Filho encarnado, para conduzir a Igreja «*ao conhecimento da Verdade total*» (CCIC nº 47).
- *«O Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito.» (Jo 14, 26)*

Este curso está desenhado para durar um ano letivo e está dividido em 3 módulos, que coincidem com os habituais três períodos do ano escolar. Em cada módulo estão previstas doze aulas, compondo um total de 36 aulas.



outubro a dezembro
fica a conhecer o PAI
Antigo Testamento



janeiro a março fica a conhecer o FILHO *Novo Testamento*



abril a junho
fica a conhecer o **ESPIRITO SANTO**
Igreja e Sacramentos



Por norma todos os anos, estão previstos dois momentos para os participantes deste curso que se propõe receber os Sacramentos da Iniciação Cristã:

- Batismo e/ou Eucaristia: após a conclusão do módulo 2, na Vigília Pascal
 - Crisma: após a conclusão do módulo 3, no primeiro Domingo de Julho

Catequese ou Formação?

O termo catequese, para muitas pessoas, foi assumindo a conotação de ensino da fé apenas durante a infância e adolescência. Em alguns casos, pode até trazer memórias de um ensino da fé baseado no monólogo e na recitação de fórmulas ou obrigações. A própria Igreja tem sabido reconhecer que houve erros neste processo:

No entanto, desde o início da igreja, o termo catequese tem um significado bem profundo:

- catequese *katechesis*

Do grego: instrução oral por eco; fazer ressoar

Como nos explica o Catecismo da Igreja, tudo começa com um eco. Na fé, algo chega até os homens, que eles não extraem de si mesmos. E na origem desse eco está Revelação: a “autocomunicação de Deus.”

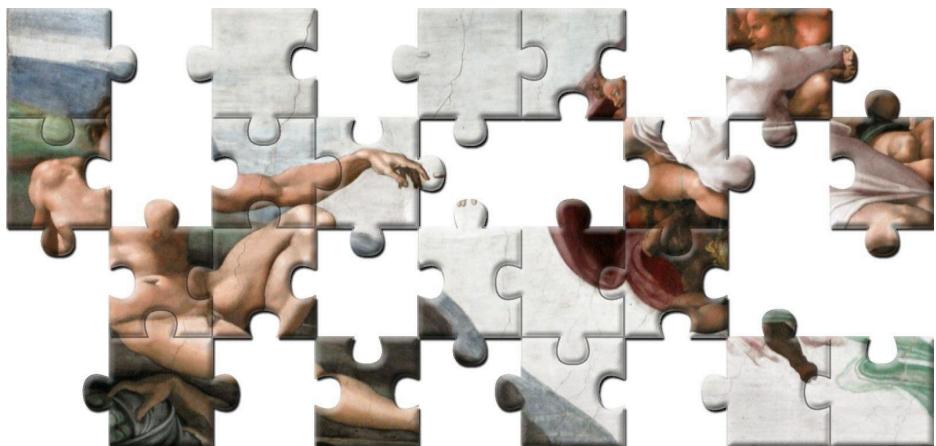
Este *ecoar* a mensagem revelada por Deus é a essência da missão que o FiCA se propõe levar a cabo. No entanto, este curso foi propositadamente denominado de **formação**, e a razão pode ser encontrada na etimologia da própria palavra:

- **formação formatio**

Do latim: ato de dar forma, moldar, compor o todo através das partes

A experiência mostra-nos que o principal benefício do curso é *dar forma* às partes que cada pessoa foi obtendo no seu percurso de vida.

Por simplificação, podemos comparar a fé a um *puzzle* com muitas peças: cada pessoa estará num processo distinto da construção desse *puzzle*. Este curso pretende proporcionar ferramentas para que cada pessoa consiga ir compondo o seu *puzzle*, até conseguir vislumbrar uma melhor “fotografia da fé”.



A escolha da palavra formação que, como vimos, incorpora o significado de *dar forma*, também remete para a metáfora bíblica do barro nas mãos do oleiro (Jr 18,1-6 e Is 64,8).

- O barro representa o ser humano na sua condição de liberdade, mas também de fragilidade e imperfeição. Podemos dizer que o barro é a matéria com potencial mas que tem a liberdade de resistir ou de se entregar a ser modelado.
- Deus é representado como o oleiro que, com paciência e intenção, dá forma ao barro segundo o seu projeto para ele.
- A vida espiritual é um processo de ser formado e reformado. Não somos auto-suficientes: precisamos do “oleiro” para receber forma. São Paulo usa a expressão de “ser conformado” (*conformatio*) à imagem de Cristo (Rm 8,29; Gl 4,19).

Em suma, a formação não é apenas conhecimento, religioso, histórico ou doutrinal, mas também pode proporcionar *modelação* espiritual, que depende sobretudo de:

- Deus como oleiro = aquele que continuamente dá forma;
- Nós como barro = a matéria chamada a receber e conservar essa forma.

Qual o conteúdo da formação?

O compromisso desta formação é o de ser *eco fiel* acerca dos fundamentos da fé católica. Todos os que já começamos o processo de busca pela fé, talvez já nos tenhamos questionado: *No que devo acreditar? Onde devo procurar a verdadeira revelação de Deus?*

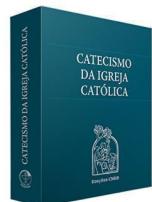
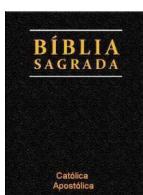
A Igreja ensina-nos que devemos ir à fonte e conhecer a **Tradição apostólica**:

- *é a transmissão da mensagem de Cristo, realizada desde as origens do cristianismo, mediante a pregação, o testemunho, as instituições, o culto, os escritos inspirados*
- *os Apóstolos transmitiram aos seus sucessores, os Bispos, e, através deles, a todas as gerações até ao fim dos tempos, tudo o que receberam de Cristo e aprenderam do Espírito Santo. (CIC 76-83)*

Essa transmissão faz-se de duas maneiras intimamente unidas e compenetradas entre si:

- **Tradição:** é a transmissão viva da Palavra de Deus
- **Sagrada Escritura:** é o próprio anúncio da salvação transmitido por escrito.

O conjunto das verdades divinamente reveladas contidas na Tradição sagrada e na Sagrada Escritura, constituem um só sagrado **depósito da fé**. *Ao longo dos tempos, cabe à Igreja “guardar” esse depósito e explicá-lo com fidelidade, aprofundando a sua compreensão através do Magistério. (CIC 66, 97, 98)*



Portanto, para conhecer de forma credível a doutrina católica, devemo-nos apoiar nestes dois pilares: *Bíblia* ou *Sagrada Escritura* e o Catecismo da Igreja Católica (CIC) onde está contida a *Tradição*.

A Bíblia é o livro mais impresso do mundo, pelo que existem várias versões e traduções. Ao escolher um exemplar, deve-se garantir que nas primeiras páginas contém o selo “Imprimatur”. Tal significa a autorização oficial dada por um bispo e garante que a tradução e as notas da Bíblia estão em conformidade com a fé católica.

O Catecismo mais completo e mais recente foi publicado no pontificado de João Paulo II, em 1992 . Uma vez que se trata de um documento extenso e complexo, a Igreja foi disponibilizando outros documentos oficiais, mais sintéticos e com uma linguagem mais acessível ao grande público:

- Compêndio de 2005 (CCIC), resumo do Catecismo, recorrendo ao formato de pergunta e resposta breve.
- Youcat de 2012, resumo do Catecismo destinado a um público jovem, recorrendo a um estilo bastante apelativo com diversas ilustrações, fotografias e citações.
- Bíblia Youcat de 2017, seleção das passagens bíblicas mais importantes que proporcionam uma boa visão geral da Bíblia. É ideal para quem está a iniciar o processo de aprofundamento da fé.



Esta formação fará uma aproximação ao **depósito da fé**, que está vertido nestes documentos e como tal eles são a nossa base e bibliografia oficial.

Tratando-se de um curso de iniciação, far-se-á uma abordagem mais simplificada , tentando utilizar uma linguagem interpellativa. O objetivo é percebermos que as mensagens da *Revelação* nos dizem intimamente respeito e que podem fazer a diferença na nossa vida individual e comunitária.

I.01. O Homem é capaz de Deus



A Criação de Adão (fresco na Capela Sistina), Michelangelo Buonarroti, 1512

Toda a catequese começa com uma constatação simples e, ao mesmo tempo, profunda: o ser humano é capaz de Deus. Antes mesmo de falar de Jesus Cristo ou dos sacramentos, a Igreja convida-nos a olhar para dentro de nós e a reconhecer uma inquietação que acompanha toda a história da humanidade.

a) O desejo de Deus

Cada pessoa, em algum momento da vida acaba por fazer algumas destas perguntas a si mesmo: *"Quem sou eu? Para que estou aqui? Qual é o sentido da minha vida?"*

A busca pela felicidade é uma característica intrínseca da condição humana. Como recorda a frase de Dostoiévski, um autor russo do século XIX, na sua obra *Os Irmãos Karamázov*, "o homem está feito para ser feliz como o pássaro para voar". No entanto, qualquer conquista ou prazer aos poucos acaba por se revelar insuficiente, pois nada criado consegue saciar plenamente o desejo humano de plenitude. Acabamos por constatar que:

- Tudo é transitório: pessoas, conquistas e bens trazem em si o “selo da caducidade”.
- Surge, então, uma ânsia de transcendência:
 - Na alegria → buscamos plenitude. Na dor → buscamos salvação.
- Esse anseio contínuo reflete a presença de algo infinito em nós
- Essa nostalgia do eterno revela a dimensão religiosa do homem.

«No fundo do espírito humano encontramos uma nostalgia de felicidade que aponta para a esperança de uma casa, de uma pátria definitiva. Somos terrenos, mas temos ânsias do eterno, temos ânsias de um Deus.»

Antonio Ducay in Sínteses da Fé Católica

b) O Homem como imagem de Deus

Esta ânsia do eterno, de um Deus, pode ser explicada pela natureza do homem. O livro do Génesis narra a criação numa linguagem poética, e no coração desse relato surge a frase decisiva: *“Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”* (Gn 1,26). O homem e a mulher não são simplesmente mais um ser vivo entre outros. São a coroa da criação, chamados a participar da própria vida divina.

Ser imagem de Deus significa que possuímos **razão, liberdade, consciência moral e capacidade de amar**. Nenhum outro ser criado possui estas dimensões espirituais. Somos capazes de nos conhecer, de escolher, de amar gratuitamente e, acima de tudo, somos capazes de Deus.

Esta é a primeira boa notícia da busca pela fé: não somos fruto do acaso, não estamos aqui por erro ou acidente. Fomos criados com uma abertura natural ao infinito que se chama desejo de Deus. Há duas frases que exprimem esta ideia de forma admirável:

“Fizeste-nos para Ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em Ti.”

Santo Agostinho in Confissões I,1

“O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a si, e só em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar.” (CIC, nº 27)

Esta inquietação é a experiência universal de todos os povos, religiões e culturas: uma procura de algo que ultrapassa os limites da vida terrena.

c) Religião como regresso a Deus

O fenômeno religioso pode ser melhor entendido se atentarmos ao significado da palavra **religião**: ela vem do latim *religare*, isto é, *“relijar, unir novamente”*. Ou seja, a religião “religa” o homem a Deus, restabelecendo a união entretanto perdida (este tema será abordado na aula I.03).

A humanidade, desde as suas origens, procurou esse vínculo com o Divino. Os ritos, as orações, os templos e os sacrifícios são expressões, por vezes imperfeitas, dessa sede de Deus que está no coração humano. Infelizmente, muitas vezes a palavra “religião” é usada com conotação negativa, associada a fanatismos, abusos de poder ou tradições pesadas. No entanto, no seu sentido original, religião é simplesmente **o desejo de regressar ao Pai**, de retomar a comunhão perdida.

A Igreja é o lugar onde esta busca encontra resposta, mas não como um espaço reservado a pessoas perfeitas. Pelo contrário, como nos recorda Bernhard Meuser, no projeto Youcat:

“A Igreja Viva... não é um clube de gente perfeita, é, pela vontade de Jesus, um lugar para a mudança gradual de gente comum. Gente que tem “muitas culpas no cartório”, gente que, para poder melhorar, precisa urgentemente de ultrapassar essas culpas. Felizmente, Jesus garantiu-nos que “não são os saudáveis que precisam de médico, mas sim os doentes.”

Na encíclica Evangelii Gaudium o Papa Francisco sublinha esta ideia que todos - sejam crentes, buscadores, indiferentes ou até céticos - estão convidados a este caminho:

“A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai (...). Vejo claramente que a coisa de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar feridas e de aquecer o coração dos fiéis (...). Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha.”

d) Razão e Fé: Caminhos para Deus

Antes de aprofundarmos este caminho na Igreja, é importante reconhecer que não acreditamos em Deus apenas por tradição ou hábito cultural. A própria razão humana é capaz de intuir a existência de Deus. Basta contemplar a ordem e a beleza da criação para se abrir a possibilidade de um Criador.

“A santa mãe Igreja sustenta e ensina que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, a partir das coisas criadas.” (CIC 36)

A ciência moderna tem mostrado a extraordinária inteligibilidade do universo. Atualmente, na física e na cosmologia reúnem-se cada vez mais descobertas relativas à criação do universo e que suportam a tese da existência de Deus.

“A fé e a razão são como as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade.” São João Paulo II, encíclica Fides et Ratio

Assim, a fé não é um ato irracional, mas um salto confiante baseado na razão e na revelação.

e) Preâmbulos da fé católica: Deus existe

Este é o nome que se costuma dar às verdades acessíveis à razão natural que preparam o espírito humano para acolher a fé. São pontos de partida racionais que dispõem a inteligência a acolher a revelação divina e a adesão da fé.

Uma dessas verdades que é possível reconhecer apenas pela razão é a existência de Deus. Desde a Antiguidade clássica até à idade média, foram muitos os filósofos que procuraram estruturar conceitos para concluir a existência de Deus. Isso pode ser feito por dois caminhos:

- **A cinco vias cosmológicas propostas por S. Tomás de Aquino:**

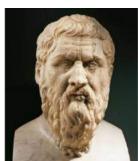
- As duas primeiras sugerem que deve haver uma *Primeira causa ou Motor*.
- A terceira fala sobre a necessidade de um *Ser que existe por si mesmo*.
- A quarta via deduz a existência de um ser supremo que é a *fonte de toda bondade*.
- A quinta via deduz haver uma *inteligência que organiza toda ordem* do universo

- **As vias antropológicas, partem da natureza humana:**

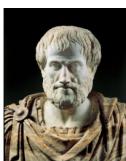
- A liberdade, pensamento e espiritualidade não se explicam apenas pelo material.
- O desejo de felicidade e valores morais apontam para algo além da matéria.
- Não são “provas científicas”, mas argumentos filosóficos que tornam a fé plausível.
- As objeções modernas (do acaso, desordem) não excluem a possibilidade de um propósito maior.

f) Mas qual Deus? A perspetiva Teísta

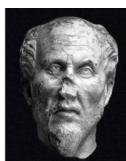
Vamos usar como referência o conceito de Deus do teísmo clássico, que surge na Grécia Antiga e tem continuidade no Cristianismo até ao presente. Ela parte do princípio que Deus existe com certeza, aplicando a razão à observação do mundo. Esta perspectiva Teísta foi sendo consolidada com grandes pensadores da humanidade ao longo de vários séculos:



Platão
séc. V-IV a.C.



Aristóteles
séc. IV a.C.



Plotino
séc. III d.C.



Agostinho
séc. IV-V d.C.



Tomás Aquino.
séc. XIII



Leibniz
séc. XVII

Este conceito de Deus, pode ser definido da seguinte forma:

- Racional, imaterial, eterno, livre, perfeito, necessário.
- “Razão criadora” (Logos), princípio ordenante do universo.
- Causa primeira de tudo o que existe.

g) Da existência de Deus ao catolicismo

Desde que o homem aceita que a existência de Deus, dista um caminho para a adesão ao Catolicismo. O percurso de iniciação cristã proposto vai dar a conhecer a fé em Cristo e na Sua Igreja.

Pretende-se agora fazer um breve esquema de argumentos racionais que suportam este caminho, apoiado no pensamento filosófico, histórico e científico:

1º Deus existe (“preâmbulos da Fé”)

- Sabemo-lo com certeza aplicando a Razão à observação da Criação
- Argumentos metafísicos (oferecem certeza): Platão, Aristóteles, São Tomás, ...
- Argumentos filosóficos de base científica (não oferecem certeza): argumento cosmológico, argumento teleológico (“ajuste fino”)

2º Jesus Cristo é Deus

- Argumentos a favor da credibilidade histórica do Novo Testamento
- O que Jesus disse acerca de Si mesmo e os milagres que Ele fez
- Testemunhas oculares da ressurreição

3º A Igreja Católica é a Igreja que Jesus Cristo fundou (*Mateus 16:18*)

- Argumentos históricos
- Credibilidade da tradição católica (doutrina e liturgia têm raízes apostólicas)
- Credibilidade e testemunho dos santos e dos videntes

h) O Problema do Mal

Uma das grandes objeções à fé e à aceitação da religião é a presença do mal no mundo. Se Deus é amor, porque existe sofrimento, injustiça e dor? Esta pergunta acompanha crentes e não crentes. O livro do Génesis mostra que o mal entrou no mundo pela má utilização da liberdade humana. O homem quis ser “como Deus” e caiu na tentação de decidir sozinho o bem e o mal (Gn 3). Esta rebeldia deixou uma ferida na humanidade, chamada **pecado original**.

No entanto, Deus nunca abandonou os homens. Mesmo quando tudo parece perdido, Ele transforma o mal em bem. José, vendido pelos irmãos, pôde dizer no Egito: “Vós intentastes fazer-me mal, mas Deus transformou-o em bem, a fim de salvar muita gente” (Gn 50,20). Daqui nasceu o ditado popular: “Deus escreve direito por linhas tortas”.

i) Os Modelos de Fé

No meio da fragilidade humana, Deus escolheu alguns homens e mulheres que responderam com coragem. Dois nomes são fundamentais, um no Antigo, outro no Novo Testamento:

- **Abraão**, chamado a deixar a sua terra e confiar numa promessa impossível, tornou-se o “pai da fé”. São Paulo recorda: “*Abraão acreditou em Deus e isso foi-lhe atribuído como justiça*” (Rm 4,3).
- **Maria**, a jovem de Nazaré, que ao escutar o anúncio do anjo respondeu: “*Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1,38). A obediência de Maria desatou o nó da desobediência de Eva.

Ambos nos mostram que a fé não é apenas aceitar ideias, mas confiar plenamente numa Pessoa viva que se revela, apesar das dificuldades ou dúvidas que nos possam assolar.

Síntese

- O homem procura → tem sede do infinito.
- Deus revela-se → quer ser conhecido e amado.
- Surge a fé → resposta livre à revelação.

Reflexão

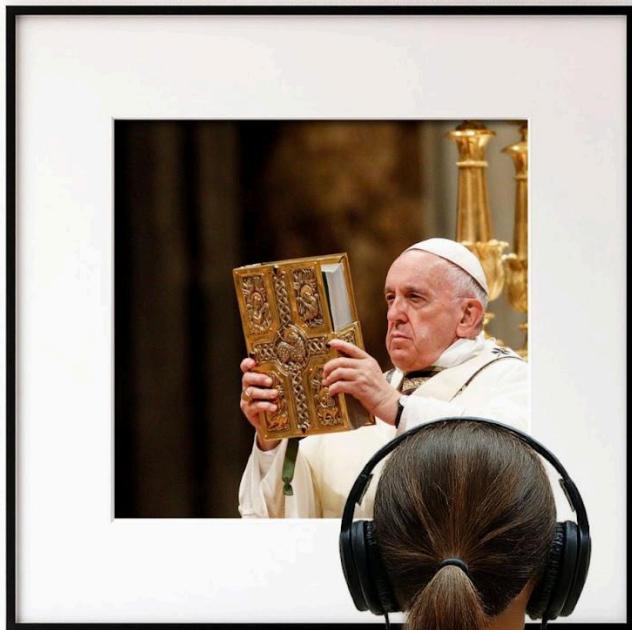
A fé é um dom de Deus, mas também um caminho que exige resposta. Podemos compará-la a um músculo: se não for exercitado, enfraquece; se for praticado, cresce e fortalece. Participar da catequese, rezar, celebrar os sacramentos, ler a Bíblia: tudo isso são exercícios que fazem crescer a fé. Mas o primeiro passo é reconhecer que dentro de nós existe esta sede de infinito, esta abertura a Deus.

1. Onde reconheço em mim esta sede de infinito?
2. Quais são os “ídolos” que tento colocar no lugar de Deus (consumo, poder, prazer)?
3. Estou disposto a dar pequenos passos de confiança, como Abraão e Maria, para deixar Deus conduzir a minha vida?

Conclusão

A catequese começa com a certeza de que o homem é capaz de Deus e que Deus deseja ser encontrado pelo homem. A nossa vida não é uma série de acasos, mas uma história de amor. Reconhecer isto é o primeiro passo de uma caminhada que nos levará, ao longo das próximas aulas, a descobrir como Deus falou, agiu, fez alianças e, por fim, se revelou plenamente em Jesus Cristo.

I.02. Deus mostrou-se a si mesmo



Papa Francisco a segurar na Sagrada Escritura

No encontro anterior refletimos sobre o desejo de Deus inscrito no coração humano. Descobrimos que o homem é capaz de Deus e que toda a nossa vida é marcada por essa sede de infinito. Mas fica a pergunta: **como conhecer esse Deus?** Se o homem O procura, será que Deus permanece escondido? Nesta segunda aula vamos falar da Bíblia como um todo, percebendo que se trata de uma história contínua do Deus que se revela ao homem.

«Nós não procuramos Deus tateando no escuro, nem precisamos esperar que Ele nos dirija a palavra, porque realmente «Deus falou, já não é o grande desconhecido, mas mostrou-Se a Si mesmo»

Papa Francisco, Bíblia Youcat

A revelação não é uma invenção humana nem um sonho religioso. É iniciativa de Deus, que quis dar-se a conhecer. *E por isso Deus já não é um enigma indecifrável, porque Ele tomou a iniciativa e abriu o véu.*

a) A Revelação na História

A revelação de Deus não aconteceu de uma só vez. Foi um processo lento e pedagógico, ao longo de séculos. Desde a criação até à plenitude em Cristo, Deus falou por meio de sinais, profetas, acontecimentos e, sobretudo, pessoas concretas. O Catecismo da Igreja Católica (CIC, nº 50), resume esta pedagogia:

“Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, pelo qual os homens, por meio de Cristo, Verbo feito carne, no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina.”

Na Bíblia vemos esta revelação progressiva:

- No Antigo Testamento, Deus escolheu um povo para lhe confiar a sua lei e as suas promessas.
 - Enviou profetas para recordar a Aliança e preparar os corações.
 - Finalmente, revelou-se plenamente em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem: “*Quem Me vê, vê o Pai*” (Jo 14,9).

b) As Fontes da Revelação

Mas como podemos nós, hoje, ter acesso a essa revelação? A fé católica ensina que ela está guardada em duas fontes inseparáveis: a **Sagrada Escritura** e a **Tradição da Igreja**.

- A Sagrada Escritura ou Bíblia é a Palavra de Deus escrita, inspirada pelo Espírito Santo. Não é apenas um livro, mas uma verdadeira biblioteca de 73 livros (46 do A.T. e 27 do N.T.), redigidos em séculos diferentes, por diversos autores, mas todos unidos num mesmo fio condutor: o amor de Deus pela humanidade.

- **A Tradição** é a transmissão viva dessa revelação, confiada à Igreja. Não se trata de costumes humanos, mas da fé vivida, celebrada e explicada ao longo dos séculos, sob a assistência do Espírito Santo.

Papa Bento XVI, *Verbum Domini*, 17

A revelação chega até nós não só como texto escrito, mas como vida que se comunica.

c) O que é a Bíblia?

- A Bíblia é uma coletânea de Livros sagrados da religião cujo centro é Jesus Cristo, ou seja ensina a Fé judaica e cristã.
 - Chamam-se "Livros Sagrados" porque não foram escritos por simples talento humano, mas sob a influência de inspiração divina.
 - Tal dignidade confere-lhe o título de "livro por excelência" e tem um lugar único na vida dos povos que tiveram a supremacia na civilização.

d) Como está dividida a Bíblia?

A Bíblia divide-se em duas séries desiguais:

- Antigo Testamento: é a primeira parte e contém escritos do período anterior a Jesus Cristo (ocupa cerca de 70% da Bíblia).
 - Novo Testamento: é a segunda parte contém escritos posteriores ao seu nascimento, vida pública, morte e ressurreição de Jesus.

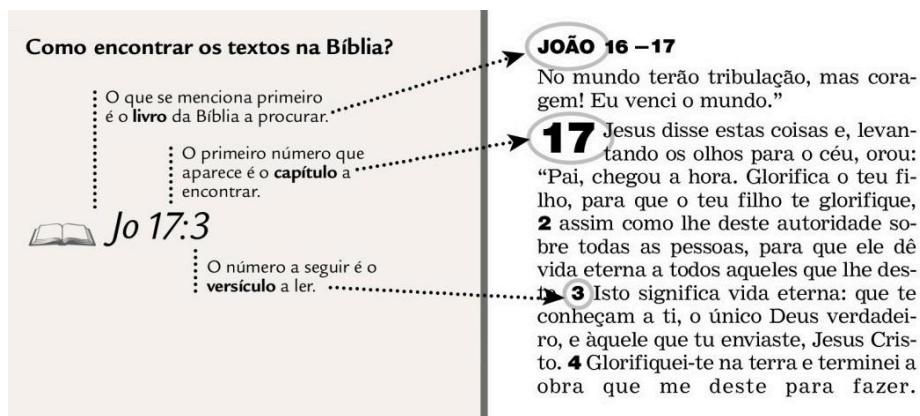
O elenco oficial católico dos livros chama-se "Cânon" e foi formado no século IV:

- neste Cânon não importa a ordem dos Livros excepto o primeiro lugar reservado ao Pentateuco no Antigo Testamento, e aos Evangelhos no Novo Testamento,
 - no restante, os manuscritos, os autores e os catálogos oficiais das igrejas diferem muito entre si.
 - a principal diferença entre as bíblias católica e as bíblias de igrejas evangélicas ou protestantes é que a tradição católica incorporou os 7 livros **deuterocanônicos**
 - a Igreja primitiva usava amplamente esses escritos desde o século IV, mas a sua aceitação não foi unânime entre todos os grupos cristãos. Por isso, mais tarde, em 1546, no Concílio de Trento, a Igreja Católica reconheceu esses livros oficialmente como inspirados e como parte do Antigo Testamento.

	Tradição Católica	Tradição Protestante/Evangélica
Antigo Testamento	46 livros	39 livros
Novo Testamento	27 livros	27 livros
Total	73 livros	66 livros
<i>observações:</i>	<ul style="list-style-type: none"> → inclui os 7 deuterocanônicos: Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Eclesiástico, Macabeus 1 e 2 → e ainda acréscimos em Ester e Daniel 	<ul style="list-style-type: none"> → exclui os 7 deuterocanônicos → o Antigo Testamento segue o cânon hebraico da Tanak

Por razões práticas, desde os primeiros séculos da nossa era, cada livro foi dividido em seções de várias extensões, conforme sistemas bastante diversos para lugares e épocas. Para facilitar o estudo uniforme, foram sendo introduzidas algumas ajudas:

- a divisão em capítulos de extensão mediana, no século XIII;
- a divisão dos mesmos capítulos em versículos, no século XVI;
- cada livro passou a ser designado por uma pequena sigla, que representa a abreviatura do nome (ver Apêndice).



e) Línguas e géneros literários

O Novo Testamento foi todo escrito em grego; o Evangelho de S. Mateus teve uma primeira redação em aramaico, que se perdeu sem deixar vestígios.

O Antigo Testamento: a maioria chegou até nós em hebraico, sendo o grego e o aramaico as restantes línguas utilizadas.

A Bíblia é um Livro antigo composto de muitas partes escritas por diversos autores, em línguas e estilos diferentes e dirigidas a múltiplos destinatários. Ao ler um texto bíblico é importante perguntar: *Quando e onde se escreveu? Porque se escreveu? De que trata o texto?*

Além disso, é importantíssimo saber de que género literário se trata: *É uma história? É uma poesia? É uma carta?* Passamos a referir alguns dos géneros mais presentes na Bíblia:

- **História e Biografia**

O Antigo Testamento tem muitos Livros de História (ex: Livros de Samuel, Livros dos Reis). No Novo Testamento encontramos os Evangelhos e os Actos dos Apóstolos.

- **Lei:**

Os principais livros que contém a Lei do Antigo Testamento são : Êxodo, Levítico, Números e Deuteronómio. Estes contém largas passagens onde se enumeram as leis relativas a muitos aspectos da vida.

- **Poesia**

Alguns livros do Antigo Testamento foram escritos, em boa parte, em poesia. São exemplos o Livro de Job, os Salmos e o Cântico dos Cânticos. O *Magnificat* de Maria é também um exemplo de texto poético no Novo Testamento.

- **Profecia**

Uma parte considerável do Antigo Testamento é constituída por Livros proféticos. Isto não significa, necessariamente, que predigam o futuro. Os profetas que os escreveram pronunciavam-se, principalmente, contra o comportamento dos homens que não respeitavam a Deus e desprezavam a Lei.

- **Cartas**

A maioria dos livros do Novo Testamento são cartas de Apóstolos dirigidas a cristãos ou a comunidades, ensinando, aconselhando, estimulando e até repreendendo.

f) A Inspiração e a Verdade da Escritura

Uma pergunta frequente é: como sabemos que a Bíblia é verdadeira? O Concílio Vaticano II responde: *"Os livros da Escritura ensinam firmemente, fielmente e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis ver consignada nas Sagradas Letras"* (*Dei Verbum*, 11).

Isto não significa que a Bíblia seja um manual científico ou histórico no sentido moderno. Como já vimos ela usa géneros literários diversos: narrativa, poesia, leis, profecias, cartas. O essencial é a mensagem de fé. Como dizia São João Paulo II, a Bíblia deve ser lida “com o mesmo Espírito com que foi escrita”.

Os Livros da Bíblia são considerados sagrados pela Igreja, não por serem considerados compostos por actividade puramente humana tendo depois recebido por Ela aprovação, mas por considerar que foram escritos sob inspiração do Espírito Santo. (cf. 2 Pedro 1:21)

Os Livros sagrados têm por autor o próprio Deus e como tal foram confiados à Igreja. Portanto, toda a palavra da Bíblia é ao mesmo tempo palavra do homem (escritor) e palavra de Deus (Espírito Santo). Tudo aquilo que o autor sagrado afirma e enuncia deve considerar-se como afirmado e enunciado pelo Espírito Santo.

Desta assistência especial que Deus presta ao Homem (Inspiração) segue-se necessariamente que, não podendo Deus enganar-se nem enganar, os Livros inspirados são isentos de qualquer erro. Este é o princípio da inerrância absoluta.

g) A unidade da Bíblia

A Bíblia é uma coleção de livros muito variados. O Antigo Testamento reúne a Lei (Torah), os Profetas e os Escritos, narrando a história do povo de Israel, as suas leis, poesias e esperanças. O Novo Testamento apresenta a vida de Jesus nos quatro Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as cartas de São Paulo e outros apóstolos, e o Apocalipse.

Apesar da diversidade, há uma unidade surpreendente. O Antigo Testamento prepara, e o Novo cumpre. Os Padres da Igreja diziam: "*O Novo está escondido no Antigo, e o Antigo é revelado no Novo.*"

Assim, toda a Bíblia é uma única grande história de amor: Deus cria, chama, liberta, promete e, finalmente, entrega o seu Filho por nós.

h) A leitura meditada da Bíblia

Desde os primeiros monges cristãos, existe uma prática que visa encontrar Deus através da leitura orante da Sagrada Escritura, que se chama **Lectio divina**. A Igreja recomenda este método como caminho de oração e de crescimento na fé. Tradicionalmente, compõe-se de quatro etapas:

- *Lectio* - leitura atenta do texto bíblico, procurando compreender o que ele diz.
- *Meditatio* - meditação ou reflexão sobre o que Deus comunica através desse texto, aplicando-o à própria vida.
- *Oratio*: oração ou diálogo interior com Deus através de palavras de amor, louvor, arrependimento ou pedido.
- *Contemplatio*: contemplação, ou seja, permanecer em silêncio diante de Deus, acolhendo a Sua presença e deixando-se transformar por Ele.

Assim, a leitura da Bíblia pode transformar-se num diálogo vivo com Deus:

«Você tem entre as mãos, portanto, algo de divino: um livro como fogo, um livro no qual Deus fala. Por isto, recordem-se: a Bíblia não é feita para ser colocada em uma prateleira, mas é feita para ser levada na mão, para ser lida frequentemente, a cada dia, quer sozinho como acompanhados.»

«A Palavra de Deus não pode ser lida com uma vista de olhos! Antes, perguntem-se: “O que diz este texto ao meu coração? Por meio desta palavra, Deus está me falando? Talvez esteja suscitando anseios, a minha sede profunda? O que devo fazer?”»

Papa Francisco in Prefácio da Bíblia Youcat

h) Vamos percorrer o Antigo Testamento

Neste primeiro módulo, tentar sintetizar as partes mais importantes do Antigo Testamento. Este é o livro sagrado do povo Israelita, a que chama de Tanak. Posteriormente os cristãos adotaram-no como fazendo parte da Revelação de Deus, que culmina em Jesus. As sociedades que foram cristianizadas têm por isso um património cultural e religioso a que se costuma chamar judaico-cristão.

O Antigo Testamento ou Tanak é constituído por 46 Livros agrupados em 3 ou 4 classes conforme é visto pela tradição judaica ou pela tradição cristã.

Tanak (judaica)	Antigo Testamento (cristão)	Livros
Torá (Lei de Moisés)	Pentateuco (cinco livros de Moisés)	Génesis Êxodo Levítico Números Deuteronómio
Nevi'im (profetas)	Livros proféticos (contêm as mensagens dos profetas)	Isaías Jeremias Ezequiel etc.
Ketuvim (escritos)	Livros históricos (narram a história do povo de Israel)	Samuel Reis Juízes etc.
	Livros sapienciais (contêm ensinamentos de sabedoria, poesia e reflexões)	Salmos, Provérbios Sabedoria de Salomão etc

Síntese

- Deus quis revelar-se → iniciativa gratuita de amor
- A revelação é progressiva → criação, patriarcas, profetas, Cristo
- Fontes da revelação → Sagrada Escritura e Tradição
- Bíblia → biblioteca inspirada, verdadeira no essencial da salvação
- Unidade → uma única história de amor que culmina em Jesus.

Reflexão

Se Deus se revelou, a nossa atitude deve ser a de quem **acolhe**. A revelação não é apenas informação, é convite à relação. Ler a Bíblia não é como ler um romance ou um manual de história: é abrir-se a uma Palavra viva que fala hoje. Assim, cada cristão é chamado a ter intimidade com a Palavra de Deus. Não basta ouvi-la na missa: é preciso lê-la, meditá-la, rezá-la e aplicá-la.

1. Tenho espaço na minha vida para escutar a Palavra de Deus?
2. A Bíblia, na minha casa, é um livro de enfeite ou um alimento para a fé?
3. Procuro entender a relação entre o Antigo e o Novo Testamento, vendo a unidade da história da salvação?

Conclusão

Nesta segunda etapa da nossa catequese descobrimos que Deus não é silencioso. Ele falou, agiu, revelou-se. Primeiro de forma parcial, depois plenamente em Jesus Cristo. E deixou à sua Igreja a missão de guardar e transmitir fielmente essa revelação através da Escritura e da Tradição.

Se o homem é capaz de Deus, como vimos na aula anterior, agora sabemos que Deus também é capaz do homem, porque se dignou vir ao seu encontro e falar-lhe no seu idioma. Escutar esta Palavra é deixar-se transformar por ela, é acolher um tesouro que ilumina a vida e dá sentido à nossa caminhada.

I.03. O mundo tem uma fenda



O Jardim do Éden com a Queda do Homem, Jan Brueghel o Velho, 1615

Depois de reconhecermos que o homem é capaz de Deus (Aula 1) e que Deus se revelou (Aula 2), precisamos agora de olhar para uma realidade incontornável: **o mal que existe no mundo**. Quem abre a Bíblia no Génesis encontra um cenário belo: a criação é apresentada como boa e harmoniosa. Mas logo a seguir surge uma rutura: algo não correu bem.

Esta é a experiência de todos nós: desejamos o bem, mas tantas vezes fazemos o mal. Lutamos por justiça e paz, mas a violência e o egoísmo teimam em regressar. São Paulo exprimiu este drama de forma admirável: “*Não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero*” (Rm 7,19). Então... o que aconteceu à criação boa de Deus? E como explicar a presença do mal no mundo?

a) O Relato do Génesis

O livro do Génesis, nos seus primeiros 11 capítulos, apresenta uma narrativa simbólica e teológica sobre as **origens**. Não se trata de ciência ou história moderna, mas de uma catequese sobre o sentido da vida.

- **Capítulos 1-2:** descrevem a bondade da criação. O homem e a mulher são colocados no Jardim do Éden como coroa da obra de Deus, chamados a viver para sempre em harmonia com Ele, consigo mesmos, entre si e com a natureza.
- **Capítulo 3:** introduz a **queda**. A serpente convence Adão e Eva a desobedecer, desejando ser “como deuses”. O fruto proibido simboliza a tentação de decidir sozinhos o que é bem e o que é mal, sem referência a Deus.
- O que se segue é devastador: vergonha, medo, divisão, dor e morte entram na história. Esta é a **fenda** de que falamos: a humanidade rompeu a comunhão com o Criador e passou a viver numa condição ferida.

b) O Génesis e a ciência

A Igreja não lê os primeiros capítulos do Génesis como uma reportagem histórica ou um relato científico, mas como linguagem metafórica. Por exemplo, a criação o universo em seis "dias", que deve ser interpretada como "passo, jornada, etapa", e não literalmente 24 horas. Por isso é importante sublinhar:

- A Igreja aceita as evidências científicas correntemente verificadas, como por exemplo a teoria do Big Bang ou a teoria evolução das espécies.
- A ciência ajuda-nos a responder a questões "*Quando e como foi criado o universo?*"
- A fé e a ciência não se opõem, mas antes complementam-se;
- O Génesis responde a questões teológicas: "*Quem criou o universo? E para quê?*" ,
- Após cada etapa da criação, Deus declara que "tudo era bom", culminando o homem como a "coroa da sua criação", feito à imagem e semelhança de Deus.

c) O Pecado Original

A linguagem metafórica do Génesis também está patente no fruto proibido, na serpente, e na árvore da ciência do bem e do mal. Tratam-se imagens que comunicam verdades espirituais profundas.

A tradição da Igreja chama esta queda de **pecado original**. Não é apenas um ato cometido por Adão e Eva há milhares de anos, mas uma condição que marca toda a humanidade.

“Ao ceder à tentação, Adão e Eva cometaram um pecado pessoal, mas este pecado afetou a natureza humana que eles vão transmitir num estado decaído” (CIC 404).

Em termos simples: todos nascemos com esta ferida. Temos sede de Deus, mas inclinamo-nos para o egoísmo. Somos capazes de amar, mas também de ferir. Vivemos numa espécie de “plano inclinado”: naturalmente escorregamos para o mal se não tivermos a graça que nos sustenta.

d) As consequências do Pecado

O Génesis ilustra as consequências dessa ruptura através de várias histórias:

- Caim e Abel (Gn 4): ilustra que a entrada do pecado na humanidade traz consigo consequências terríveis. A inveja leva ao primeiro homicídio.
- O dilúvio e Noé (Gn 6–9): a violência generalizada faz Deus “entristercer-se de ter criado o homem”. Deus “lava” o mundo com o Dilúvio, e oferece um novo começo através da arca do justo Noé, fazendo com ele uma aliança cujo símbolo é o arco-íris.
- A torre de Babel (Gn 11): mesmo após “reset” do dilúvio, a humanidade volta a cair no orgulho e individualismo, onde o homem tenta “construir uma cidade única” para se exaltar acima de Deus, resultando na confusão de línguas e dispersão. O episódio de Babel contrasta com o do Pentecostes no Novo Testamento, onde Deus volta a reunir a humanidade na “língua” do seu Espírito Santo.

Estas narrativas revelam que o pecado não é apenas individual, mas também **estrutural e social**. A maldade instalou-se nas relações, nas culturas, nas instituições.

e) A esperança de Salvação

Apesar da gravidade da queda, a Bíblia anuncia desde o início uma esperança. No capítulo 3 do Génesis encontramos uma frase chamada pelos teólogos de **Proto-Evangelho**:

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela. Esta te esmagará a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15).

É a primeira promessa de salvação: da descendência da mulher virá alguém que vencerá a serpente. A tradição cristã vê aqui um anúncio de Maria e de Jesus. Maria, a nova Eva, deu o seu “sim” onde Eva disse “não”. E Jesus, novo Adão, venceu o mal na cruz e na ressurreição. Assim, a fenda aberta pelo pecado não ficou sem resposta. Deus iniciou um plano de salvação que culmina em Cristo.

f) A experiência humana do Mal

Mesmo hoje, cada um de nós experimenta esta luta interior. Por um lado, ouvimos a voz de Deus que nos chama ao bem; por outro, sentimos a sedução do pecado. Muitas tradições

ilustram isso com a imagem de dois anjinhos, um de cada lado do ombro. O Catecismo chama a isso **concupiscência**, isto é, a inclinação desordenada para o mal.

Esta luta não nos deve levar ao desespero. O apóstolo Paulo, depois de descrever o seu próprio combate interior, exclama: *"Quem me libertará deste corpo de morte? Graças sejam dadas a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor"* (Rm 7,24-25).

g) Ecologia e pecado

O Papa Francisco explica na encíclica *Laudato Si'* que estes relatos mostram como o pecado rompe não só a relação com Deus, mas também com a criação e com os seres humanos. Por isso, cuidar da natureza e cultivar a justiça social são também dimensões espirituais.

Síntese

- A criação é boa → Deus fez tudo com amor.
- O homem desobedece → quer ser “como Deus”.
- Surge o pecado original → ferida na humanidade.
- Consequências → morte, divisão, violência.
- Mas há promessa → um Salvador virá esmagar a serpente.

Reflexão

A fenda do pecado não é apenas uma história antiga, mas a nossa realidade diária. Quantas vezes quebramos promessas, magoamos alguém, seguimos ídolos passageiros em vez de Deus? O pecado original explica esta luta e recorda-nos que **precisamos de salvação**.

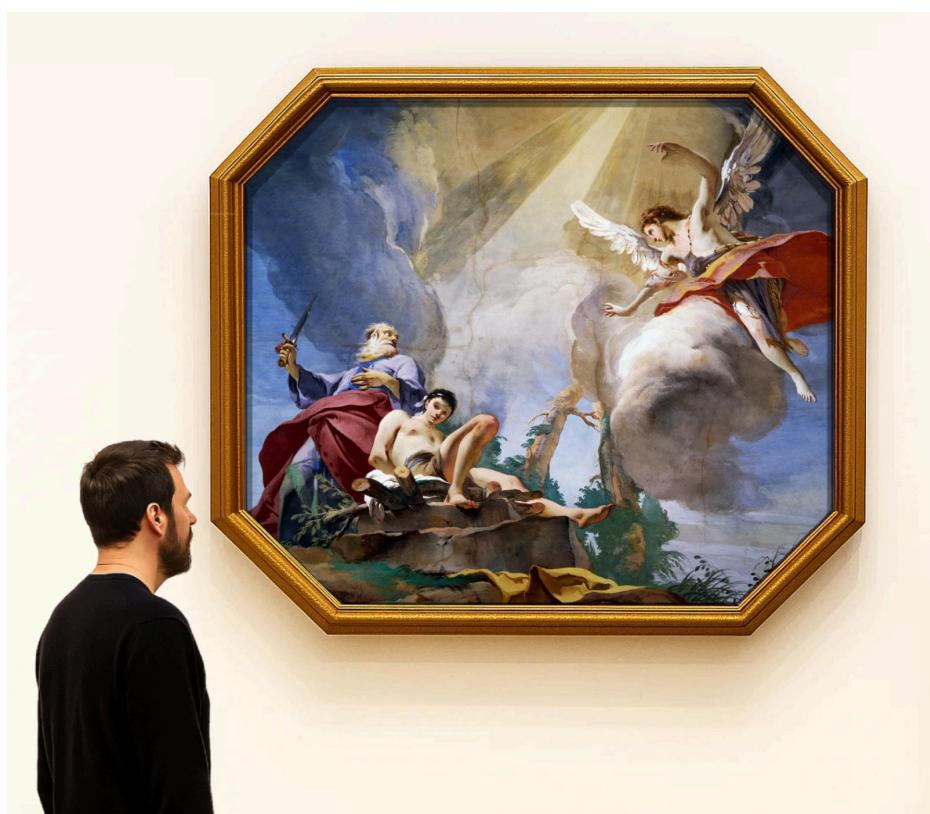
A boa notícia é que Deus não nos deixou sozinhos. Desde o início prometeu um Redentor. O cristão não nega a realidade do mal, mas enfrenta-a com esperança, sabendo que a vitória pertence a Cristo.

1. Reconheço em mim esta luta entre o bem que desejo e o mal que pratico?
2. Que “fendas” experimento na minha vida e relações?
3. Tenho consciência de que preciso de um Salvador, ou vivo como se pudesse salvar-me a mim mesmo?

Conclusão

O mundo tem uma fenda, mas Deus prometeu repará-la. O pecado introduziu divisão, dor e morte, mas esta não tem a última palavra. A história da salvação é precisamente o caminho de Deus para fechar essa fenda e restaurar a comunhão perdida. Nos próximos encontros veremos como Ele escolheu uma família para iniciar este plano.

I.04. A escolha de uma família



O sacrifício de Isaac (fresco Palácio Patriarcal de Udine), Giovanni Battista Tiepolo, 1729

Depois de vermos como o pecado abriu uma fenda na humanidade (Aula 3), surge a pergunta: como reagirá Deus? Terá Ele desistido da sua criação? A resposta bíblica é clara: **Deus não desiste do homem**. Apesar da infidelidade humana, Deus decide iniciar um plano de salvação. E esse plano começa de forma surpreendente: **escolhendo uma família concreta** para, a partir dela, abençoar todas as nações.

O Catecismo da Igreja Católica (CIC, nº 60) resume assim: “*O povo eleito é o depositário das promessas, o povo da origem de Abraão, da fé dos patriarcas. Será a raiz na qual se enxertarão os pagãos, quando acreditarem.*” Deus inicia a história da salvação chamando Abraão, o primeiro dos patriarcas.

a) Abraão: Pai na Fé

Esta aula aborda a segunda parte do livro do Génesis, dos capítulos 12 ao 50, que nos introduz à figura de **Abraão** (mais tarde chamado Abraão). É um homem idoso, de 75 anos, casado com Sara, estéril e sem filhos. Humanamente, não era o candidato ideal para fundar um grande povo. Mas é precisamente a ele que Deus se dirige:

"Sai da tua terra, da tua parentela e da casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti uma grande nação, abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome. Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra." (Gn 12,1-3)

Abraão obedece. Deixa a sua terra e parte confiando apenas na promessa de Deus. Por isso é chamado **pai da fé**. São Paulo recorda: "Abraão acreditou em Deus, e isso foi-lhe atribuído como justiça" (Rm 4,3). Deus muda-lhe o nome: de Abrão ("pai exaltado") para Abraão ("pai de muitos povos"). O nome novo marca a nova missão.

b) As promessas de Deus

Deus faz com Abraão uma **aliança** e promete-lhe três coisas fundamentais:

1. **Uma terra:** a Terra Prometida, Canaã.
2. **Uma descendência:** apesar da esterilidade de Sara, Abraão será pai de uma multidão.
3. **Uma bênção universal:** através dele, todas as nações serão abençoadas.

Estas promessas são o coração do Antigo Testamento. Tudo o que virá depois — Moisés, os reis, os profetas — será o desenvolvimento desta primeira aliança.

c) Um povo para todas as Nações

À primeira vista, pode parecer injusto que Deus escolha apenas uma família. Mas o objetivo nunca foi exclusivismo. Desde o início, a promessa é clara: *"Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra"* (Gn 12,3).

Deus começa pelo pouco para alcançar o universal. Escolhe um povo particular para, através dele, revelar-se ao mundo inteiro. É como uma semente que, lançada à terra, crescerá até se tornar árvore frondosa. Por isso, a Igreja se chama **católica**, que significa "universal". Somos herdeiros da promessa feita a Abraão, realizada plenamente em Cristo.

d) O sorriso de Deus

Esta história também mostra a importância da mulher nos desígnios de Deus. Isaac, o filho da promessa, vai nascer após a própria Sara também ter passado algumas provas:

- a entrega da sua escrava Hagar a Abraão para lhe dar descendência que ela não conseguia; daí resultou o primeiro filho de Abraão, Ismael.
- o riso incrédulo de Sara perante a promessa de um filho seu, quando três visitantes misteriosos (que representam a Trindade) aparecem no acampamento da família.

A hospitalidade e a atenção permanente deste casal, Abraão e Sara, aos enviados do Senhor recebeu como resposta o nascimento do seu filho Isaac, que significa "Deus ri".

Assim, Abraão é reconhecido como **o pai na fé** das três grandes religiões monoteístas:

- **Islamismo**, por via de Ismael, que deu origem aos ismaelitas / muçulmanos;
- **Judaísmo**, por via de Isaac, que deu origem aos israelitas / judeus;
- **Cristianismo**, por via de Jesus, que era judeu e descendente de Isaac.

d) A prova da Fé

A vida de Abraão mostra que a fé não é ausência de dúvidas, mas confiança em meio à incerteza. Vemos isto na prova mais dramática: o **sacrifício de Isaac** (Gn 22). Deus pede a Abraão que ofereça o seu filho tão esperado. Humanamente, é um absurdo. Mas Abraão obedece, acreditando que Deus providenciará. No último momento, o anjo impede o sacrifício e um cordeiro substitui Isaac. Este episódio mostra que Deus não quer sacrifícios humanos (comuns nos povos daquela época) e que a fé de Abraão é confiança absoluta.

Os cristãos veem neste episódio um **anúncio de Jesus Cristo**: tal como Isaac carregou a lenha, também Jesus carregou a cruz; mas, ao contrário de Isaac, o Filho amado foi realmente oferecido por amor à humanidade.

e) Isaac, Jacob e José

A história continua com os descendentes de Abraão.

- **Isaac**, filho da promessa, casa com Rebeca e tem dois filhos: Esaú e Jacob. Por meio de intrigas, Jacob recebe a bênção da primogenitura.
- **Jacob**, depois de um episódio misterioso, passa a chamar-se **Israel**: "Aquele que luta com Deus" e recebe a benção para continuar este povo: tem 12 filhos, que darão origem às 12 tribos de Israel.
- **José**, um dos 12 filhos, foi vendido como escravo pelos irmãos e levado ao Egito. A sua fidelidade a Deus transforma-o em governador do país. No tempo da fome, José salva a sua família, mostrando que Deus escreve direito por linhas tortas. Assim, toda a família de Jacó acaba por se instalar no Egito, onde prospera durante séculos, até cair na escravidão. Esta situação prepara o cenário para a missão de Moisés, que veremos nas próximas aulas.

f) Deus escolhe os pequenos

O fio condutor destas histórias é claro: Deus escolhe pessoas frágeis e improváveis. Abraão era idoso e sem filhos; Sara, estéril; Jacó, enganador; José, rejeitado pelos irmãos. E, no entanto, é por meio deles que Deus realiza o seu plano. São Paulo dirá mais tarde: “*Deus escolheu o que é fraco no mundo para confundir o que é forte*” (1Cor 1,27). Isto mostra que a salvação é obra da graça, não do mérito humano.

Síntese

- O mundo tem uma fenda → mas Deus não desiste.
- Chama Abraão → pai da fé.
- Três promessas → terra, descendência, bênção universal.
- Descendência → Isaac, Jacó, José e as doze tribos.
- Objetivo → abençoar todas as nações.
- Deus escolhe os pequenos → realiza grandes coisas.

Reflexão

A história de Abraão e da sua família mostra que a fé é um caminho de confiança. Muitas vezes Deus pede-nos para sair da nossa “terra”, abandonar seguranças e lançar-nos ao desconhecido. A fé não é ter tudo controlado, mas acreditar que Deus caminha connosco.

Esta narrativa também nos lembra que Deus age na fragilidade. Não precisamos de ser perfeitos para sermos escolhidos. A vida de José é exemplo disso: traído, vendido e injustiçado, acabou por se tornar instrumento de salvação para a sua família.

1. Que “terra” Deus me pede para deixar — hábitos, medos, seguranças?
2. Reconheço-me nas fragilidades dos patriarcas? Acredito que Deus pode agir mesmo através da minha fraqueza?
3. Tenho consciência de que a minha fé não é só para mim, mas é chamada a ser bênção para os outros?

Conclusão

A história de Abraão e da sua família inaugura o grande plano de Deus para a salvação. Ele escolhe um povo, mas com vistas ao bem de toda a humanidade. O fio condutor é sempre o mesmo: confiança na promessa. A partir desta pequena família nascerá Israel, e de Israel nascerá o Messias, Jesus Cristo.

Assim, a fenda aberta pelo pecado começa a ser lentamente reparada pela fidelidade de Deus e pela resposta, muitas vezes frágil, mas sincera, de homens e mulheres de fé.

I.05. A salvação e as águas



Moisés salvo das águas, Rafael Sanzio, 1519

A história de Abraão e da sua descendência mostrou-nos como Deus inicia o seu plano de salvação através de uma família. A bênção de Deus a Abraão começou a dar frutos, e o povo de Israel tornou-se mais numeroso que os egípcios. No entanto, um novo faraó, que não conhecia José, passou a ver os hebreus como inimigos, sujeitando-os à escravidão e à opressão, e ordenando a morte de todos os filhos homens israelitas.

Durante quatrocentos anos viveu oprimido, até que Deus suscitou um libertador: **Moisés**. Com ele, Deus realiza um dos episódios mais marcantes do Antigo Testamento: a saída do Egito (Êxodo). Este acontecimento não é apenas **libertação** política, mas uma verdadeira salvação espiritual, simbolizada por um elemento fundamental: **as águas**.

a) Moisés: o salvo das águas

O próprio nome de Moisés recorda a água. Segundo o livro do Êxodo (Ex 2), uma mãe hebreia escondeu o filho recém-nascido num cesto lançado ao rio Nilo, para o salvar do decreto do faraó que mandava matar todos os meninos hebreus. A filha do faraó encontrou a criança, chamou-a Moisés, que significa “*tirado das águas*”.

Desde o nascimento, a vida de Moisés está ligada à água: a água que ameaça matar torna-se, pela providência de Deus, instrumento de salvação.

b) O chamamento de Moisés

Já adulto, Moisés vive um episódio decisivo: Deus revela-se a ele no monte Horeb, numa **sarça ardente** que arde sem se consumir (Ex 3). Ali, Deus revela o seu nome: “*Eu sou Aquele que sou*” (Ex 3,14). E envia Moisés em missão: libertar o povo de Israel da escravidão. Moisés resiste, sente-se incapaz, mas Deus garante: “*Eu estarei contigo*”. Esta promessa ecoa ao longo de toda a Bíblia: a verdadeira força não está no homem, mas na presença fiel de Deus.

c) As pragas e a Páscoa

Deus envia Moisés ao faraó para exigir a libertação de Israel. O faraó, com um “coração duro”, resiste às exigências divinas, atingindo o Egito com **dez pragas consecutivas, e cada vez mais duras**. A décima praga, a morte dos primogénitos egípcios (incluindo a morte do príncipe herdeiro), é a mais drástica, leva finalmente o faraó a ceder. Mas os filhos de Israel são poupadados a esta praga, porque obedeceram à ordem de Deus:

- sacrificar um cordeiro e marcar com o seu sangue as portas das casas.
- este episódio, chamado **Páscoa** (do hebraico *Pessach*, passagem), torna-se a festa central de Israel: a noite em que Deus passou, poupano o seu povo e libertando-o.
- vários séculos depois, Jesus Cristo, o verdadeiro **Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo** (Jo 1,29), vai elevar o sentido da Páscoa, como passagem do pecado para a Graça, da morte para a Vida.

d) A travessia do Mar Vermelho

O faraó permite a saída do povo de Israel, que inicia o seu Êxodo do Egito por volta de 1250-1230 a.C.. Mas logo após a partida, o faraó muda de ideias e persegue-os com o seu exército. O povo, encravado entre os soldados e o Mar Vermelho, desespera. Mas Moisés, obedecendo à ordem de Deus, ergue o cajado e as águas abrem-se, permitindo que os israelitas passem a pé enxuto (Ex 14).

Quando o exército egípcio tenta segui-los, as águas voltam ao seu lugar e os perseguidores são derrotados. O povo é salvo, não pela força das armas, mas pela intervenção de Deus. Este é o **evento fundador** da identidade de Israel: Deus liberta o seu povo através da água.

e) Água como sinal de salvação

Ao longo da Bíblia, a água aparece frequentemente como sinal ambivalente: pode significar morte (dilúvio, mares revoltos), mas também vida (chuva fecunda, nascente de água viva). Em Moisés, este simbolismo atinge o auge: as águas que poderiam matar tornam-se caminho de libertação.

Para nós, cristãos, este episódio é figura do **Batismo**. Assim como Israel atravessou as águas para entrar numa vida nova de liberdade, também nós, pelo batismo, passamos da escravidão do pecado para a vida em Cristo. São Paulo escreve:

“Todos os nossos pais estiveram sob a nuvem, todos atravessaram o mar, todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar” (1Cor 10,1-2).

f) O cântico de louvor

Depois da travessia, o povo entoa um hino de vitória, chamado **Cântico de Moisés**:

“Cantarei ao Senhor, que é glorioso, cavalo e cavaleiro lançou no mar. O Senhor é a minha força e o meu canto, Ele foi a minha salvação.” (Ex 15)

Este cântico é repetido na liturgia judaica e cristã, especialmente na **Vigília Pascal**, quando celebramos a ressurreição de Cristo: a passagem da morte para a vida.

g) As provações no Deserto

Mas a história não acaba aqui. Após a travessia e apesar do milagre ocorrido, o povo de Israel quando se depara com o deserto, mostra-se ingrato e começa a murmurar por comida e água. Deus, paciente, providencia água da rocha, pão do céu (o maná) e codornizes. Mais uma vez, a água aparece como dom de Deus que sustenta a vida.

O Papa Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti*, abordando o episódio do maná, sublinha a importância de confiar na **providência diária de Deus** e a proibição de guardar alimento para o dia seguinte. Trata-se de um alerta para o individualismo e a ganância:

“O individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais fraternos. A mera soma de interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para a totalidade da humanidade.”

h) Moisés como modelo

A primeira metade do Êxodo termina com o povo no deserto, aguardando a próxima etapa do plano de Deus. Aqui vemos que a salvação não é apenas um acontecimento passado. É um caminho: cada dia, o povo precisa de confiar novamente.

Assim, Moisés surge como o "maior personagem de todo o Antigo Testamento", porque:

- é um mediador entre Deus e o povo;
- é um modelo de fé e obediência, que confia constantemente na providência de Deus mesmo quando as coisas estão difíceis.

Síntese

- Moisés: salvo das águas do Nilo.
- Chamado por Deus na sarça ardente.
- Páscoa: sangue do cordeiro → libertação.
- Travessia do Mar Vermelho: salvação pelas águas.
- Água: sinal de morte e de vida.
- Figura do Batismo cristão.
- Deserto: Deus dá água e pão.

Reflexão

A travessia do Mar Vermelho é mais do que um milagre do passado: é imagem da nossa própria vida de fé. Também nós vivemos entre medos e ameaças, encerrados por dificuldades. Mas Deus abre sempre um caminho, mesmo no meio das águas.

O Batismo é a nossa Páscoa pessoal: mergulhamos na morte de Cristo para ressurgir com Ele para uma vida nova (cf. Rm 6,3-4). A água torna-se fonte de vida eterna.

A história de Israel recorda-nos ainda que a salvação não é automática. É preciso caminhar, confiar, perseverar. Quantas vezes, como o povo no deserto, murmuramos contra Deus, esquecendo as maravilhas que Ele já realizou!

1. Reconheço que a minha vida também tem "águas" de escravidão e medo?
2. Vejo o Batismo como um acontecimento passado ou como fonte de vida presente?
3. Como posso viver cada dia confiando que Deus abrirá caminho, mesmo diante do impossível?

Conclusão

A história da salvação, marcada pelas águas, mostra que Deus é sempre maior que as forças do mal. Ele salva o seu povo no Egito, abre o mar, dá água no deserto. Para nós, esta salvação cumpre-se plenamente em Jesus Cristo, cuja Páscoa é a travessia definitiva: da morte para a vida. Assim como Moisés conduziu Israel através das águas, também Cristo nos conduz pelo Batismo às fontes da vida eterna.

I.06. Os mínimos olímpicos



Deus escreve a Moisés os Dez Mandamentos no Monte Sinai, Joseph von Fuhrich, séc. XIX

A história de Moisés e do Éxodo mostrou-nos que Deus liberta o seu povo da escravidão, conduzindo-o através das águas até ao deserto. Mas a libertação não é apenas saída: é também entrada numa **aliança**. Deus não quer apenas salvar Israel do faraó, quer fazer dele o seu povo, ligado a si por uma relação de amor e fidelidade.

É no Monte Sinai que esta aliança se concretiza, com um dom fundamental: as Tábuas da Lei, os famosos **Dez Mandamentos**. Estes mandamentos são como os **mínimos olímpicos** da vida espiritual: o critério mínimo necessário para viver em comunhão com Deus e com os irmãos.

a) As Alianças anteriores

Já vimos que Deus tinha feito alianças antes:

- Com **Noé**, após o dilúvio, simbolizada no arco-íris (Gn 9,12-17).
- Com **Abraão**, prometendo-lhe terra, descendência e bênção (Gn 15).

Mas estas alianças eram sobretudo promessas divinas. Agora, no Sinai, Deus estabelece uma aliança que implica também uma resposta humana: “*Se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis a minha propriedade pessoal entre todos os povos*” (Ex 19,5).

O povo aceita: “*Faremos tudo o que o Senhor disse*” (Ex 19,8). A partir daqui, Israel passa a ser verdadeiramente o **povo da Aliança**.

b) A entrega da Lei

Deus manifesta-se no Sinai com trovões, nuvens e fogo. O povo permanece ao sopé da montanha, enquanto Moisés sobe para receber a Lei. As **Dez Palavras** (Decálogo) resumem a vontade de Deus.

- Os **três primeiros mandamentos** referem-se à relação com Deus: adorar só a Ele, respeitar o Seu nome, santificar o dia consagrado.
- Os **sete restantes** regulam a relação com o próximo: honrar os pais, não matar, não cometer adultério, não roubar, não mentir, não desejar a mulher nem os bens do próximo.

Estes mandamentos não são imposições arbitrárias, mas um **caminho de liberdade**. O povo, que saiu da escravidão do Egito, aprende agora a viver livremente segundo a lei de Deus.

c) Lei Natural e Lei Revelada

O Catecismo explica que os mandamentos exprimem a **lei natural**, isto é, a lei moral inscrita no coração de todos os homens: “*A lei natural exprime o sentido moral originário, que permite ao homem discernir, pela razão, o bem e o mal*” (CIC 1954).

Por isso, mesmo povos que nunca ouviram falar da Bíblia reconhecem que matar, roubar ou mentir são atos errados. O Decálogo confirma e ilumina esta verdade natural, apresentando-a como dom de Deus. São João Paulo II dizia: “*A lei de Deus não diminui nem limita a liberdade do homem, mas protege-a e promove-a*” (*Veritatis Splendor*, 35).

OS DEZ MANDAMENTOS

Êxodo 20, 2-17	Deuteronómio 5, 6-21	Fórmula do Catecismo
Eu sou o Senhor teu Deus, Que te tirei da terra do Egípto, dessa casa da escravidão.	Eu sou o Senhor teu Deus, que te fiz tirei da terra do Egípto dessa da casa da escravidão.	Primeiro: Adorar a Deus e amá-Lo sobre todas as coisas.
Não terás outros deuses perante Mim. Não farás de ti nenhuma imagem esculpida, nem figura que existe lá no alto do céu ou cá em baixo na terra ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante delas nem lhes prestarás culto porque eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus cioso: castigo a ofensa dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que Me ofendem; mas uso de misericórdia até à milésima geração com aqueles que Me amam e guardam os meus mandamentos.	Não terás outros deuses diante de Mim...	
Não invocarás em vão o Nome do Senhor teu Deus, porque o Senhor não deixa sem castigo quem invocar o seu Nome em vão.	Não invocarás em vão o Nome do Senhor teu Deus...	Segundo: Não invocar o santo nome de Deus em vão.
Lembrar-te do dia do Sábado para o santificar. Durante seis dias trabalharás e farás todos os trabalhos. Mas o sétimo dia é sábado do Senhor teu Deus. Não farás nele nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho ou tua filha, nem o teu servo nem a tua serva, nem o teu gado, nem o estrangeiro que vive em tua cidade. Porque em seis dias o Senhor fez o céu e a terra, o mar e tudo o que eles contêm: mas ao sétimo dia descansou. Por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o consagrou.	Guarda o dia do sábado para o santificar	Terceiro: Santificar os domingos e festas de guarda.
Honra pai mãe, a fim de prolongares os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te vai dar.	Honra teu pai e tua mãe...	Quarto: Honrar pai e mãe (e os outros legítimos superiores).

Êxodo 20, 2-17	Deuteronómio 5, 6-21	Fórmula do Catecismo
Não matarás.	Não matarás.	Quinto: Não matar (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo).
Não cometerás adultério.	Não cometerás adultério.	Sexto: Guardar castidade nas palavras e nas obras.
Não roubarás.	Não roubarás.	Sétimo: Não furtar (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo).
Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo.	Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo.	Oitavo: Não levantar falsos testemunhos (nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo).
Não cobiçarás a casa do teu próximo.		Nono: Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos.
Não desejarás a mulher do próximo, nem o seu servo nem a sua serva, o seu boi ou o seu jumento, nem nada que lhe pertença.	Não desejarás a mulher do teu próximo; Não cobiçarás ... nada que pertença ao teu próximo.	Décimo: Não cobiçar as coisas alheias.
		Estes dez mandamentos resumem-se em dois que são: Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos. (Mt 22, 37-39)

d) Os Mínimos Olímpicos

A metáfora dos “mínimos olímpicos” ajuda-nos a compreender o sentido dos mandamentos. Tal como um atleta precisa de cumprir marcas mínimas para poder participar nos Jogos Olímpicos, também o crente precisa de viver no mínimo estas dez palavras para permanecer na amizade de Deus.

Quem quebra gravemente os mandamentos afasta-se de Deus e da comunidade. Por isso, a fidelidade ao Decálogo é condição essencial da vida espiritual.

e) A Fragilidade Humana

Infelizmente, Israel mostra-se frágil. Enquanto Moisés está no monte, o povo fabrica um **bezerro de ouro** para adorar (Ex 32). É a tentação de substituir o Deus invisível por um ídolo visível. Deus poderia ter destruído o povo, mas Moisés intercede como verdadeiro mediador, lembrando a fidelidade das promessas.

Este episódio mostra que a Aliança é um caminho feito de quedas e reconciliações. A fidelidade de Deus é maior que a infidelidade do povo.

f) Da Lei à plenitude em Cristo

Os Dez Mandamentos permanecem válidos para os cristãos, mas encontram a sua plenitude em Jesus Cristo. Ele próprio disse: *“Não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir”* (Mt 5,17).

No Sermão da Montanha, Jesus eleva a Lei a um novo nível: não basta não matar, é preciso não alimentar o ódio; não basta não cometer adultério, é preciso purificar o coração.

As **Bem-aventuranças** (Mt 5,1-12) são como a medalha de ouro depois dos mínimos olímpicos: mostram o caminho da perfeição evangélica.

Síntese

- Noé → aliança do arco-íris.
- Abraão → promessa de terra, descendência, bênção.
- Moisés → aliança do Sinai com resposta humana.
- Dez Mandamentos → mínimos olímpicos da vida espiritual.
- Lei natural confirmada pela Lei revelada.
- Cristo → leva a Lei à plenitude com as Bem-aventuranças.

Reflexão

Os Dez Mandamentos não são uma lista de proibições, mas um **código de liberdade**. São o alicerce mínimo da vida cristã. Sem eles, a fé perde consistência e cai no subjetivismo.

Contudo, não basta cumpri-los de forma exterior. Jesus lembra-nos que o verdadeiro cumprimento está no coração. Os mandamentos devem ser vividos como expressão do amor: *"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração... e ao teu próximo como a ti mesmo"* (Mt 22,37-39).

1. Vejo os Mandamentos como peso ou como caminho de liberdade?
2. Em que pontos da minha vida tenho dificuldade em cumprir estes mínimos?
3. Esforço-me por viver não apenas o mínimo, mas o máximo da perfeição evangélica nas Bem-aventuranças?

Conclusão

No Sinai, Deus deu ao seu povo uma Lei de vida. Esta Lei continua a ser o fundamento da moral cristã, o mínimo indispensável para viver em comunhão com Deus. Mas em Jesus, a Lei encontra a sua plenitude: Ele não nos chama apenas a cumprir mínimos, mas a viver o máximo do amor.

A partir daqui, a história da salvação continua. Israel, conduzido por Moisés e depois por Josué, entrará na Terra Prometida. Mas, mais importante que a terra, será a fidelidade à Aliança. E nós, hoje, somos convidados a viver esta mesma fidelidade, confiando não só na nossa força, mas sobretudo na graça de Deus que nos conduz à santidade.

I.07. A escolha dos homens e os ungidos de Deus



Samuel e Eli, Anónimo, Séc. XIX

Chegados a este ponto da história bíblica, o povo de Israel já percorreu um longo caminho: de Abraão, passando por Moisés e Josué, até entrar na Terra Prometida. No entanto, a fidelidade à aliança continua a ser um desafio constante. Israel oscila entre momentos de obediência e de idolatria, de confiança e de rebeldia. A pedagogia de Deus prossegue, mas o povo mostra-se muitas vezes “de cabeça dura” (Ex 32,9).

O episódio de hoje leva-nos ao período dos **Juízes** e ao início da monarquia em Israel. O título – *Escolhas de homens e ungidos de Deus* – resume a tensão entre os critérios humanos e os critérios divinos. Os homens escolhem segundo a aparência, o poder ou a lógica militar; Deus, porém, escolhe segundo o coração.

a) Josué e a entrada na Terra

Após a morte de Moisés, o povo de Israel, devido à sua falta de fé, vagueia pelo deserto durante 40 anos, e apenas a nova geração, liderada por **Josué**, um dos exploradores que tinha voltado com “boas notícias”, entrará na Terra Prometida (Canaã).

Josué assume a liderança e surge como “o novo Moisés”, fazendo um discurso inaugural em que exorta o povo a obedecer aos mandamentos da Torá e a ser fiel a Deus. A sua liderança é exemplar em fidelidade, e consegue conduzir o povo à entrada na Terra Prometida.

Tal como Moisés atravessou o Mar Vermelho, Josué atravessa milagrosamente o Jordão com a Arca da Aliança (Js 3). Em Jericó, as muralhas caem não pela força das armas, mas pela obediência à ordem de Deus (Js 6). Aqui vemos um princípio fundamental: **a vitória de Israel não depende do poder humano, mas da fidelidade a Deus**. Quando o povo confia, vence; quando se afasta, cai.

Além da conquista Terra prometida, Josué teve um papel importante na divisão deste território pelas doze tribos de Israel.

b) Advertência perante episódios violentos

As descrições da conquista de Canaã são, por vezes, muito perturbadoras devido às cenas de violência e guerra. No entanto, é crucial ler estas passagens com sentido crítico e teológico, compreendendo que **não são uma legitimação da violência**, mas relatos que expressam a ira de Deus contra o mal e a idolatria dos cananeus, que eram um dos povos mais corruptos da região.

A destruição dos cananeus não deve ser interpretada literalmente como um genocídio, pois os israelitas e cananeus continuaram a coexistir, misturando-se e influenciando-se mutuamente. O propósito divino era a instauração da bençaõ e bondade de Deus na Terra.

c) O período dos Juízes

Após a morte de Josué, segue-se um período instável para o povo de Israel, narrado no **Livro dos Juízes**. Os juízes eram líderes tribais que emergiam por vontade de Deus. Apesar das suas muitas falhas de caráter, eles lideravam o povo em vitórias, mas o ciclo de infidelidade repetiu-se várias vezes:

- O povo afasta-se de Deus e adora ídolos.
- Sofre opressão dos inimigos.
- Clama ao Senhor.
- Deus envia um Juiz (líder carismático) para os libertar.
- Após a vitória, voltam a cair na infidelidade.

Entre os juízes mais conhecidos está **Sansão**, homem de força extraordinária, mas também de fraquezas morais. A sua vida mostra que até os instrumentos escolhidos por Deus são frágeis e pecadores.

O autor sagrado resume este tempo de corrupção e a falta de fidelidade do povo à Aliança através de uma frase contundente: “*Naqueles dias não havia rei em Israel; cada um fazia o que bem lhe parecia*” (Jz 21,25). É a lógica do relativismo, tão atual nos nossos dias: cada um define a sua verdade, ignorando a lei de Deus.

d) O Pedido de um Rei a Samuel

Por esta altura, **Samuel** é um sacerdote que anuncia a vontade de Deus no meio do povo e inclusive faz premonições sobre o futuro, mas não como um adivinho. Samuel é filho de Ana, que era estéril e pediu insistenteamente a Deus um filho. Quando deu à luz Samuel, Ana dedicou Samuel ao Senhor, entregando-o como servidor do templo.

A vocação de Samuel manifesta-se desde criança, quando Deus o chama repetidamente e ele, sob instrução de Eli, responde: “*Fala, Senhor, que o teu servo escuta*”. Deus escolhe o pequeno Samuel para repreender o sacerdote Eli pelos pecados dos seus filhos e pela sua própria falha em corrigir o povo. Este é mais um exemplo de como Deus “escolhe sempre os mais improváveis, os mais frágeis”, para manifestar a Sua vontade.

Cansado da instabilidade em que estava mergulhado, o povo de Israel começa a desejar um rei humano para os governar “*como têm todas as outras nações*” (1Sm 8,5). Os israelitas pedem a Samuel, já adulto e sacerdote, que lhes dê um rei. Samuel fica triste porque percebe que as intenções do povo não são as melhores, e Deus responde-lhe: “*Não é a ti que rejeitam, mas a mim, para que Eu não reine sobre eles*” (1Sm 8,7).

Aqui vemos a tentação habitual: confiar mais em estruturas humanas do que na soberania de Deus. Mesmo assim, o Senhor respeita a liberdade do povo e concede-lhes um rei.

e) Saúl: O Rei Segundo os Homens

O primeiro rei, escolhido por Samuel entre as várias tribos de Israel, é **Saúl**. É um homem de grande estatura e bela aparência, uma escolha humana que não corresponde à lógica de Deus. O seu nome significa “pedido”, como que a lembrar que ele foi fruto da insistência do povo. Samuel unge Saúl, mas alerta-o para a importância de obedecer a Deus.

Inicialmente vitorioso nas batalhas, Saúl deixa-se corromper pela soberba. Desobedece às ordens de Deus (1Sm 15) e perde a unção. Deus mostra que não basta o poder militar: é necessária a obediência humilde. “*A obediência vale mais que o sacrifício*” (1Sm 15,22).

e) Samuel e a unção de David

Deus envia Samuel para ungir um novo rei, desta vez escolhendo um dos filhos de Jessé, em Belém, da tribo de Judá. Samuel considera os filhos mais velhos e robustos,, mas Deus corrige-o: “*O homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração*” (1Sm 16,7).

Assim, Deus escolhe **David**, o filho mais novo, um simples pastor de ovelhas, que ninguém se lembrou de apresentar. O Espírito do Senhor repousa sobre David e retira-se de Saúl, que passa a ser atormentado por um "espírito maligno". David, ainda jovem, é chamado para tocar harpa na corte de Saúl para acalmar o rei. Este é mais um exemplo da "pedagogia de Deus", que utiliza situações improváveis e pessoas com falhas para levar a cabo o Seu plano.

O Papa Francisco comentou certa vez: "*Deus não escolhe os fortes, mas torna fortes os escolhidos*". Esta lógica divina repete-se em toda a história da salvação.

Síntese

- Josué → entra na Terra Prometida com fidelidade.
- Juízes → ciclo de pecado, opressão, arrependimento e libertação.
- Pedido de um rei → escolha humana de ter segurança "como os outros povos".
- Saúl → rei segundo os homens, mas infiel.
- David → ungido de Deus, escolhido pelo coração.

Reflexão

Esta etapa da história bíblica convida-nos a confrontar as nossas próprias escolhas. Quantas vezes preferimos seguir a lógica do mundo – aparência, poder, sucesso – em vez da lógica de Deus, que olha o coração?

O exemplo de Israel mostra que confiar apenas nas forças humanas leva à derrota espiritual. Mas confiar em Deus, mesmo na fragilidade, abre caminho à verdadeira vitória.

1. Nas minhas escolhas, sigo mais a lógica dos homens ou a lógica de Deus?
2. Reconheço que a obediência humilde vale mais do que qualquer sucesso exterior?
3. Estou disposto a deixar Deus olhar o meu coração e moldá-lo segundo a sua vontade?

Conclusão

O episódio das "escolhas de homens e ungidos de Deus" ensina-nos que a verdadeira liderança não nasce da força nem da aparência, mas da fidelidade. Israel quis ser como as outras nações, mas Deus mostrou que o seu povo só floresce quando segue o caminho da obediência e da confiança.

Daqui em diante, veremos como David, o pequeno pastor, se tornará grande rei, e como até ele terá as suas quedas. A história continua a mostrar que Deus escreve direito por linhas tortas, escolhendo os pequenos para realizar grandes coisas.

I.08. No melhor pano cai a nódoa



David e Natã, Matthias Scheits, 1672

Na aula anterior vimos como David foi escolhido por Deus, em contraste com Saúl, como rei “segundo o coração de Deus”. Humilde, pastor de ovelhas, músico e guerreiro, David parecia reunir todas as qualidades para ser o grande modelo de rei. E de facto, sob o seu reinado, Israel conheceu um período de prosperidade e unidade sem precedentes. Jerusalém tornou-se a capital política e religiosa, a Arca da Aliança foi instalada no centro do povo, e David compôs salmos que ainda hoje rezamos na liturgia.

No entanto, a Bíblia não esconde as fragilidades dos seus protagonistas. O episódio que vamos hoje analisar mostra como até o maior dos reis pode cair. O título – *No melhor pano cai a nódoa* – é expressão popular que ilustra a verdade da Escritura: “*Todos pecaram e estão privados da glória de Deus*” (Rm 3,23).

a) David: entre a grandeza e a queda

David começa como guerreiro destemido, vencendo Golias apenas com uma funda e confiança em Deus (1Sm 17). Torna-se rei amado pelo povo, unifica as tribos, conquista Jerusalém e sonha construir um templo digno para o Senhor. Deus promete-lhe uma

descendência eterna: “A tua casa e o teu reino permanecerão firmes para sempre diante de mim” (2Sm 7,16).

Mas, no auge do poder, David cai na tentação. Num momento de ócio, fixa o olhar em Betsabé, esposa de Urias, um dos seus generais mais fiéis. Comete adultério, engravidá-a e, para encobrir o pecado, trama a morte de Urias (2Sm 11). Este encadeamento mostra como um pequeno deslize pode levar a pecados maiores e mais graves.

b) A denúncia do profeta Natã

Deus não abandona David ao seu erro. Envia-lhe o profeta Natã, que, com uma parábola, denuncia a injustiça: um rico, possuindo muitas ovelhas, rouba a única ovelha de um pobre para oferecer a um hóspede. David indigna-se e sentencia: “*Esse homem merece a morte!*” Natã replica: “*Esse homem és tu*” (2Sm 12,7).

Perante esta denúncia, David não se justifica, não procura desculpas. Reconhece humildemente: “*Pequei contra o Senhor*” (2Sm 12,13). O Salmo 51 (Miserere) nasce deste arrependimento: “*Comadece-te de mim, ó Deus, pela tua bondade, apaga a minha culpa pela tua grande misericórdia*”.

O Papa Francisco comenta: “*Não há humildade sem humilhação. David foi humilde porque se deixou humilhar pela correção de Natã. E encontrou perdão*” (Audiência Geral, 2020).

c) A Misericórdia de Deus e as consequências do pecado

Deus perdoa David, mas não apaga automaticamente as consequências do pecado. O filho da relação com Betsabé morre; a sua família conhece divisões e violências. A Escritura ensina-nos assim que o perdão restaura a relação com Deus, mas não elimina as marcas do mal que fizemos.

A diferença entre David e Salomão é elucidativa: David pecou gravemente, mas arrependeu-se; Salomão, apesar de sábio, deixou o coração corromper-se lentamente pela idolatria e não se converteu. Por isso, o Papa Francisco exorta: “*Pecadores, sim; corruptos, não*”.

d) O Reinado de Salomão

Do casamento de David com Betsabé nascerá Salomão, sucessor no trono. O início do seu reinado é marcado pela oração: pede a Deus não riqueza nem poder, mas sabedoria para governar (1Rs 3,9). Deus agrada-se e concede-lhe sabedoria incomparável. Ficou célebre a sua sentença entre as duas mulheres que reclamavam a maternidade da mesma criança (1Rs 3,16-28).

Salomão constrói o grande Templo de Jerusalém, cumprindo o desejo do pai. Israel vive um período de esplendor. Mas, com o tempo, o rei multiplica esposas estrangeiras, ergue templos para ídolos e cai na idolatria. Assim, volta a repetir-se a história: da fidelidade à infidelidade, da sabedoria à corrupção. Após a sua morte, o reino divide-se em dois (Israel a norte e Judá a sul).

Síntese

- David → pastor humilde, guerreiro de fé, rei segundo o coração de Deus.
- A queda → adultério e homicídio; denúncia de Natã; arrependimento.
- Miserere (Sl 51) → oração de contrição.
- Perdão → restaura a relação, mas não elimina as consequências.
- Salomão → sábio e construtor do Templo, mas corrompido pela idolatria.
- Resultado → divisão do reino após a sua morte.

Reflexão

A história de David mostra que **a santidade não é perfeição sem falhas, mas capacidade de se levantar após a queda**. O verdadeiro justo não é o que nunca peca, mas o que se arrepende e confia na misericórdia de Deus.

O contraste com Salomão adverte-nos para outro perigo: não basta começar bem, é preciso perseverar até ao fim. O coração corrompido lentamente pode ser mais perigoso que o pecado grave, porque não reconhece a necessidade de perdão.

1. Como reajo quando erro: justifico-me ou reconheço humildemente o meu pecado?
2. Rezo o Salmo 51 como oração de arrependimento sincero?
3. Cuido da perseverança, pedindo a Deus um coração fiel até ao fim?

Conclusão

“No melhor pano cai a nódoa”: assim foi com David, mas também connosco. O pecado não é a última palavra. A última palavra é sempre de Deus, que perdoa e restaura. David, pecador e penitente, tornou-se modelo de oração e de confiança na misericórdia. Salomão, sábio e brilhante, tornou-se advertência contra a corrupção do coração.

Entre ambos, a Bíblia ensina-nos a verdade sobre a condição humana: todos somos frágeis, mas todos somos chamados à fidelidade. E de David, apesar da sua nódoa, nascerá a promessa maior: um rebento que governará para sempre – Jesus Cristo, o Filho de David.

I.09. A árvore decepada e o rebento



O profeta Isaías (fresco Palácio Patriarcal de Udine), Giovanni Battista Tiepolo, 1729

Na aula anterior vimos como o reinado de Salomão terminou em decadência e divisão. Após a sua morte, Israel fragmenta-se em dois reinos: o Reino do Norte (Israel, com capital em Samaria) e o Reino do Sul (Judá, com capital em Jerusalém).

A unidade sonhada por David desmorona-se. A idolatria e a injustiça multiplicam-se. Os reis e o povo afastam-se da Aliança, instalam ídolos nos templos, abandonam os pobres e confiam mais em alianças políticas que em Deus. Nesta crise, Deus suscita os **profetas**, enviados para recordar a sua Palavra e advertir sobre as consequências da infidelidade.

É neste contexto que se destaca a voz de **Isaías**, cujo anúncio nos traz uma das mais belas imagens messiânicas: a árvore decepada que, contra toda a esperança, faz brotar um rebento.

a) Elias e os primeiros profetas

Antes de Isaías, surge a figura imponente do profeta **Elias**, chamado “pai dos profetas” (cf. Catecismo, 2582). No Monte Carmelo, desafia os falsos profetas de Baal (1Rs 18): enquanto eles invocam em vão os seus ídolos, Elias reza e o fogo do Senhor consome o sacrifício. O povo exclama: “*O Senhor é Deus!*”

Elias recorda o primeiro mandamento: “*Não terás outros deuses diante de mim*” (Ex 20,3). O Papa Bento XVI comenta: “*Somente assim Deus é reconhecido por aquilo que é: absoluto e transcendente*”. Elias mostra que o culto verdadeiro não é negociável: Deus não pode ser colocado ao lado de outros ídolos.

b) A voz de Amós

Outro profeta desta época é **Amós**, um simples pastor, chamado por Deus para denunciar a injustiça social no Reino do Norte. Ele não tem “papas na língua”: critica a opulência dos ricos que exploram os pobres e a hipocrisia de quem pratica ritos religiosos mas vive sem justiça.

A sua mensagem é atualíssima: “*Que o direito corra como a água, e a justiça como um rio perene*” (Am 5,24). Para Amós, não existe verdadeira adoração sem compromisso com a justiça.

c) Isaías: A Árvore Decepada

No Reino do Sul, em Jerusalém, aparece o profeta **Isaías** (séc. VIII a.C.), de família nobre e conselheiro dos reis. Ele anuncia o julgamento de Deus contra a idolatria e a corrupção, mas também proclama uma esperança nova.

Na sua visão inaugural, vê o Senhor no Templo, rodeado de anjos que clamam: “*Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos, a sua glória enche toda a terra*” (Is 6,3). Isaías reconhece-se pecador, mas é purificado e enviado a proclamar a Palavra.

Entre as suas profecias mais célebres está a imagem do capítulo 11:

"Do tronco de Jessé brotará um rebento, e das suas raízes surgirá um rebento. Sobre ele reposará o Espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de temor do Senhor" (Is 11,1-2).

A árvore (a dinastia de David) parece decepada, reduzida a um tronco morto. Mas Deus promete um rebento: um novo rei, descendente de Jessé (pai de David), que governará com justiça e trará a paz.

d) Emmanuel: o Deus Connosco

Isaías anuncia ainda: *"A jovem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emanuel"* (Is 7,14). Este nome significa "Deus connosco". Para os cristãos, é uma clara profecia do nascimento de Jesus, o Messias que cumpre as promessas feitas a David.

Este rebento não se imporá pela guerra, mas pela justiça e pelo conhecimento de Deus. Isaías descreve um tempo de paz: *"O lobo habitará com o cordeiro, o leopardo deitar-se-á com o cabrito... e um menino os conduzirá"* (Is 11,6).

É uma visão de harmonia universal: paz entre os povos, reconciliação entre o homem e a criação, restauração da comunhão perdida no Éden.

e) A voz dos Profetas e a nossa vida

Os profetas não são apenas personagens do passado. São **sirenes de Deus**, como dizia o podcast: vozes que despertam um povo adormecido. Eles lembram que a verdadeira religião não é ritual vazio, mas fidelidade à Aliança e cuidado com os pobres.

Hoje, também nós precisamos de ouvir estas vozes. Os ídolos já não se chamam Baal, mas podem ser o dinheiro, o poder, a fama, o consumo. A tentação de substituir Deus porseguranças visíveis continua.

O Papa Francisco adverte: *"Adorar o Senhor significa dar-lhe o lugar que lhe corresponde, convencidos de que Ele é o único Deus, o Deus da nossa vida"* (Homilia, 2014).

Síntese

- Divisão do reino → Israel a norte, Judá a sul.
- Elias → profeta do primeiro mandamento: só o Senhor é Deus.
- Amós → denúncia da injustiça social e da hipocrisia religiosa.
- Isaías → visão de Deus Santo, anúncio do Emanuel, o rebento do tronco de Jessé.
- Mensagem → julgamento, mas também esperança de um Messias e de paz universal.

Reflexão

A imagem da árvore decepada fala-nos de momentos de desespero em que tudo parece perdido. Talvez na nossa vida haja situações em que o “tronco” parece morto: sonhos desfeitos, pecados que nos pesam, relações quebradas. Mas a promessa de Isaías é clara: **Deus faz nascer vida nova onde os homens só veem morte.**

O Emanuel é a certeza de que Deus está connosco, mesmo quando tudo parece ruir. É Ele o rebento que cresce em silêncio, trazendo esperança e paz.

1. Quais são as “árvore decepadas” da minha vida onde preciso acreditar que Deus pode fazer nascer um rebento?
2. Reconheço os ídolos modernos que competem com Deus no meu coração?
3. Vivo a fé apenas como rito, ou como compromisso de justiça e misericórdia?

Conclusão

No meio da decadência dos reinos de Israel e Judá, Isaías anuncia um rebento inesperado. A promessa de Deus não morre: da linhagem de David nascerá o Messias, o Emanuel, o Deus connosco.

Esta esperança atravessa séculos até se cumprir em Jesus. Para nós, cristãos, a árvore decepada é imagem da cruz, e o rebento é Cristo ressuscitado, que brota da morte para dar vida nova ao mundo.

I.10. A vida no exílio e a terceira via



Judeus no exílio, Eduard Bendemann, 1832

Depois da queda de Jerusalém, a história do povo de Deus entra num dos momentos mais dramáticos: o **exílio na Babilónia** (séc. VI a.C.). O Templo é destruído, os líderes deportados, a cidade arrasada. Para Israel, parecia o fim de tudo: sem terra, sem rei, sem templo, ainda restaria alguma identidade?

O título desta aula – *A vida no exílio e a terceira via* – aponta para a grande lição desta etapa. O exílio ensinou a Israel a redescobrir o essencial: Deus não está preso a um lugar, mas acompanha o seu povo em qualquer parte. Ao mesmo tempo, revelou que não há apenas duas opções diante da opressão (submissão ou revolta violenta): existe uma terceira via, a da fidelidade criativa, que mantém a identidade mesmo em terra estrangeira.

a) O Profeta Jeremias: Voz de Advertência e Esperança

Antes do exílio, o profeta **Jeremias** anuncia a destruição iminente. Chamado ainda jovem (Jr 1,4-10), sentia-se incapaz, mas Deus garantiu-lhe: “*Antes de te formar no ventre, eu já te conhecia... Eu estarei contigo para te salvar*”.

Jeremias denunciou a falsa segurança de quem confiava apenas no templo: “*Não confieis em palavras mentirosas, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor!*” (Jr 7,4). Lembrou que o culto sem conversão é vazio. Por isso, profetizou a queda de Jerusalém como consequência da infidelidade.

Mas a sua missão não foi só de denúncia. Jeremias anunciou também a **nova aliança**: “*Hei de imprimir a minha lei no íntimo deles e hei de escrevê-la no seu coração*” (Jr 31,33). O coração de pedra daria lugar a um coração de carne.

b) O Profeta Ezequiel: Deus no Exílio

Entre os deportados estava **Ezequiel**, sacerdote e profeta. Nas suas visões, descobriu que a glória de Deus não estava limitada ao Templo: Deus estava com o povo até na Babilónia.

A mais famosa das suas visões é a dos **ossos secos** (Ez 37). Diante de um vale cheio de ossos, Deus diz: “*Filho do homem, poder-se-ão reviver estes ossos?*” O profeta anuncia a palavra, e os ossos voltam a ter carne e vida. É imagem da restauração de Israel e, para nós cristãos, símbolo da ressurreição em Cristo e da vida nova no Espírito.

Noutra visão, Deus promete: “*Dar-vos-ei um coração novo, porei dentro de vós um espírito novo. Arrancarei o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne*” (Ez 36,26). Aqui vemos que a verdadeira renovação não é política, mas espiritual.

c) Daniel: Fidelidade Criativa

O livro de **Daniel** mostra como alguns jovens viveram esta fidelidade no exílio. Daniel e os seus amigos foram educados nos costumes da Babilónia, mas recusaram violar a sua fé. Quando o rei ordena que todos adorem a sua estátua, eles respondem: “*O nosso Deus, a quem servimos, pode livrar-nos da fornalha ardente*” (Dn 3,17). Deus salva-os milagrosamente do fogo.

Mais tarde, Daniel é lançado na cova dos leões por se recusar a deixar de rezar. Também aí Deus o liberta. Estes episódios ensinam que é possível colaborar na sociedade estrangeira sem abdicar da fé.

É o que Jeremias já sugerira: trabalhar pelo bem da Babilónia, mas sem comprometer a fidelidade a Deus. Não submissão cega, nem revolta violenta, mas a **terceira via** da resistência fiel.

d) O Exílio como Imagem da Condição Humana

Os judeus perceberam que o exílio não era apenas um castigo, mas também um tempo de purificação. Foi durante o exílio que muitas tradições orais foram escritas, que se consolidou a leitura da Torá e que nasceu a prática da **sinagoga**.

Mais profundamente, o exílio tornou-se imagem da condição humana: desde o Éden, a humanidade vive afastada de Deus, em busca do verdadeiro lar. Babel (Gn 11) e Babilónia tornam-se símbolos do orgulho humano que nos afasta do Criador.

O Novo Testamento retoma esta imagem: São Pedro escreve aos cristãos perseguidos chamando-lhes “estrangeiros e peregrinos” (1Pe 2,11). Vivemos ainda num “exílio”, à espera da pátria definitiva.

e) A Terceira Via em Jesus

Séculos depois, no tempo do Império Romano, os judeus viviam novamente sob opressão. Muitos esperavam um Messias guerreiro que os libertasse com armas; outros resignavam-se a colaborar com Roma. Jesus propõe uma via diferente: *“Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”* (Mt 22,21).

Não se trata de submissão nem de revolta, mas de fidelidade ao Reino que não é deste mundo. Jesus viveu Ele próprio o exílio: *“O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”* (Lc 9,58). E, na cruz, assumiu até o exílio supremo, para nos abrir o caminho da verdadeira pátria: a comunhão eterna com Deus.

Síntese

- Jeremias → denúncia do formalismo; promessa de uma nova aliança escrita no coração.
- Ezequiel → visões de esperança (ossos secos, coração novo, rio de vida).
- Daniel → fidelidade criativa: colaborar sem idolatrar.
- Exílio → purificação do povo e imagem da condição humana.
- Jesus → cumpre a terceira via: fidelidade ao Pai no meio do mundo.

Reflexão

Todos nós, de certo modo, vivemos em “exílio”: sentimos que o mundo não é ainda o nosso lar definitivo. Sofremos injustiças, pressões culturais, tentações de ceder aos ídolos modernos.

A lição do exílio é clara: **não precisamos escolher entre submissão e violência**. Existe a via da fidelidade: trabalhar pelo bem da sociedade onde vivemos, mas traçando limites firmes quando nos pedem algo contrário à fé.

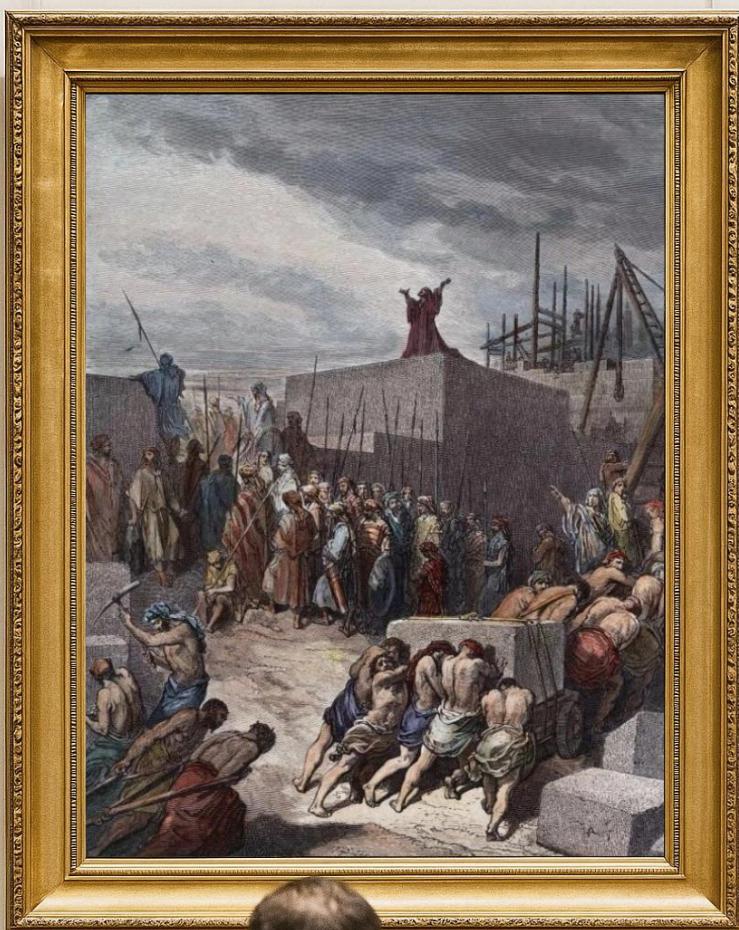
1. Quais são as minhas “Babilónias” de hoje – situações em que me sinto em exílio espiritual?
2. Traço com clareza as minhas “linhas vermelhas”, aquilo em que não cedo mesmo sob pressão?
3. Vivo com esperança, acreditando que Deus pode dar-me um coração novo mesmo nas provações?

Conclusão

O exílio foi, paradoxalmente, um tempo fecundo para Israel: purificou o povo, renovou a sua fé, preparou-o para o Messias. Jeremias, Ezequiel e Daniel mostram que a fidelidade é possível mesmo em terra estrangeira.

Para nós, cristãos, a lição continua válida. Vivemos num mundo que nem sempre reconhece Deus, mas somos chamados a ser fiéis. Não submissos, não violentos, mas testemunhas do Reino, seguindo a terceira via de Jesus.

I.11. O recomeço e a renovação dos corações



Reconstruindo o templo em Jerusalém, Gustave Dore, 1866

Depois de meio século de exílio na Babilónia, parecia que a história de Israel tinha terminado. O Templo destruído, Jerusalém em ruínas, as famílias dispersas. No entanto, Deus permanece fiel. Com a queda da Babilónia e a ascensão do Império Persa, o rei Ciro permite que os judeus regressem à sua terra e reconstruam a cidade e o Templo (538 a.C.).

O título desta aula – *O recomeço e a renovação dos corações* – sublinha a grande lição desta etapa: não basta reconstruir muralhas ou templos exteriores; é preciso restaurar a fidelidade interior, renovar os corações.

a) Regresso do Exílio

O regresso não foi simples. Cerca de 50 mil judeus empreenderam a longa viagem de 800 km até Jerusalém. A alegria foi imensa: “*Quando o Senhor fez regressar os cativos de Sião, parecia-nos sonhar. A nossa boca encheu-se de sorrisos e a nossa língua de cânticos*” (Sl 126,1-2).

Mas a chegada trouxe desilusão. A cidade estava devastada, o Templo reduzido a escombros, a terra ocupada por estrangeiros. Era necessário reconstruir quase tudo do zero. Esta experiência mostra-nos que o caminho da esperança não é isento de dificuldades, mas exige perseverança.

b) Reconstrução do Templo e da Cidade

Sob a liderança de **Zorobabel** e do sacerdote **Josué**, iniciou-se a reconstrução do Templo. Não atingiu a grandiosidade do templo de Salomão, mas tornou-se o centro espiritual do povo. Mais tarde, **Neemias** reconstruiu as muralhas da cidade, garantindo segurança e identidade ao povo.

Contudo, os livros de **Esdras** e **Neemias** sublinham que a verdadeira restauração não era apenas arquitetónica. O essencial era **reerguer a fé**. Não bastava levantar pedras; era preciso converter os corações.

c) A Leitura da Lei

Num momento solene, Esdras reúne o povo diante da Porta das Águas. Abre o livro da Lei e lê-o em voz alta durante horas (Ne 8). O povo escuta com atenção, comove-se, chora e aclama: “*Amém, Amém!*”. A Palavra de Deus toca os corações, revelando quanto se tinham afastado da Aliança.

Os levitas animam-nos: “*Este dia é consagrado ao Senhor... não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força*” (Ne 8,10). É a redescoberta de que a Palavra de Deus não oprime, mas alegra; não é peso, mas fonte de vida.

O Papa Francisco comenta: “*O encontro com a Palavra de Deus enche-nos de alegria. E essa alegria é a nossa força*” (Homilia, 2019).

e) Da construção exterior à renovação interior

Este momento marca uma viragem: o culto volta a ser centrado na Palavra e não apenas em rituais. Começa a prática regular da leitura das Escrituras em assembleias, origem das sinagogas.

Mais do que templos, Deus deseja corações convertidos. Os profetas já o tinham dito: “*Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes*” (Jl 2,13). A restauração verdadeira é espiritual: fidelidade à Lei, vida de justiça, abertura a Deus.

f) O tempo de espera

Após o regresso, Israel nunca mais recuperou plena independência. Passou pelo domínio persa, grego e romano. Entre o Antigo e o Novo Testamento houve cerca de quatro séculos de silêncio profético. Parecia que Deus não falava, mas o povo guardava as Escrituras, rezava os salmos e mantinha a esperança do Messias prometido.

O livro de Daniel, escrito nesse período, usa linguagem apocalíptica para alimentar a esperança: apesar dos impérios sucessivos, no fim triunfará o Reino de Deus. “*O reino será entregue ao povo santo do Altíssimo; o seu reino será eterno*” (Dn 7,27).

Síntese

- Regresso do exílio → alegria e desilusão; tudo por reconstruir.
- Zorobabel e Neemias → reconstrução do Templo e das muralhas.
- Esdras → leitura pública da Lei; emoção e renovação do povo.
- Essencial → não só templos exteriores, mas corações convertidos.
- Tempo de espera → silêncio profético, esperança no Messias.

Reflexão

O recomeço de Israel após o exílio lembra-nos que **as crises podem ser oportunidades de renovação**. Quantas vezes, depois de quedas pessoais ou momentos difíceis, Deus nos dá a graça de recomeçar! Mas o essencial não é reconstruir aparências, mas renovar o coração.

O reencontro com a Palavra de Deus é central. Sem escuta, não há verdadeira restauração. Por isso, a Igreja continua a reunir-se cada domingo para proclamar as Escrituras.

1. Vivo a Palavra de Deus como peso ou como fonte de alegria?
2. Reconheço que as maiores reconstruções que Deus me pede são interiores?
3. Estou disposto a deixar que o Senhor renove o meu coração de pedra em coração de carne?

Conclusão

O regresso do exílio não foi o fim da história, mas um novo começo. Israel reconstruiu templos e muralhas, mas sobretudo reencontrou a Palavra e renovou o coração.

Para nós, cristãos, esta lição é vital: depois das nossas quedas, Deus sempre nos oferece a possibilidade de recomeçar. O essencial é abrir o coração à sua Palavra, deixar-nos renovar pela sua graça e viver na alegria do Senhor, que é a nossa força.

I.12. À espera do Messias



Profeta Isaías, Raúl Berzosa, 2020

As onze aulas anteriores mostraram o fio da história da salvação no Antigo Testamento: a criação, o pecado, as alianças, os patriarcas, Moisés, os juízes, os reis, os profetas, o exílio e o regresso. Tudo converge para esta última aula: **as profecias que anunciam e preparam a vinda do Messias.**

O episódio final do podcast contou com a participação de D. António Couto, que ajudou a compreender o papel dos profetas e a sua ligação a Jesus. O essencial é isto: o profeta não é um “pré-feta” (um adivinho do futuro), mas um homem que fala **em vez de Deus, para o presente do seu tempo**. Porém, as suas palavras, inspiradas pelo Espírito, ganham um alcance que atravessa séculos e se cumpre plenamente em Cristo.

a) Quem são os profetas?

D. António Couto explicou: “*Um profeta é aquele que fala em vez de Deus, para agora, para os homens de hoje. Não fala de costas, nem no gabinete; fala diante do povo, em nome de Deus*”.

Assim, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Miqueias e tantos outros não foram meros visionários: foram homens enviados a confrontar reis e povos com a vontade de Deus. As suas palavras surgem de situações concretas – guerras, alianças políticas, injustiças sociais – mas, iluminadas pelo Espírito, apontam mais longe.

Por isso, a Igreja lê o Antigo Testamento à luz de Cristo: Ele é o cumprimento de todas as Escrituras. Como disse Jesus: “*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes cumprimento*” (Mt 5,17).

b) As profecias do Messias

Ao longo dos séculos, várias passagens ganharam especial relevo como anúncio do Salvador.

- **O Emanuel:** Isaías anuncia: “*Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho, e chamar-se-á Emanuel*” (Is 7,14). No seu contexto, era sinal para o rei Acaz de que a dinastia de David não se extinguiria. Mas o nome – *Deus connosco* – ultrapassa o tempo e realiza-se plenamente em Jesus, nascido de Maria Virgem (Mt 1,23).
- **O nascimento em Belém:** Miqueias profetiza: “*Tu, Belém de Éfrata, de ti sairá aquele que há de reinar sobre Israel*” (Mq 5,1). Para D. António Couto, este “dominador” é descrito como *contador de parábolas*, não como rei guerreiro. Jesus, de facto, evangelizou contando histórias, parábolas que tocam os corações.
- **A luz na Galileia:** Isaías fala do povo que vivia nas trevas e viu uma grande luz (Is 9,1). Mateus aplica-o a Jesus que começa a pregar em Cafarnaum, na Galileia dos gentios (Mt 4,15-16).

- **O Servo Sofredor:** Isaías descreve um homem desprezado, carregado de dores, que toma sobre si os pecados do povo: “*Nas suas chagas fomos curados*” (Is 53,5). A Igreja reconhece neste texto a prefiguração da paixão de Cristo.
- **A vitória sobre a morte:** O Salmo 16 canta: “*Não abandonareis a minha alma na mansão dos mortos*”. Pedro citará este salmo no Pentecostes, vendo nele a ressurreição de Jesus (At 2,25-28).

Além destas profecias aqui destacadas, deve-se sublinhar que ao longo da Bíblia se contam mais de trezentas profecias ao todo. Elas anunciam o Messias - as suas ações, a sua doutrina - centenas de anos antes do seu nascimento e que, até do ponto de vista estatístico, exigiriam intervenção divina para tamanho índice de acerto.

Jesus sabe que as profecias messiânicas se referem a Ele. Ao ler Isaías na sinagoga de Nazaré, Ele afirma: “*Hoje se cumpre diante de vós esta escritura*” (Lc 4, 21). Aos fariseus que se recusavam a crer nele, Jesus diz: “*Perscrutai as Escrituras, já que nelas esperais ter a vida eterna; elas dão testemunho de mim*” (Jo 5, 39).

O cumprimento de todas as profecias é um dos motivos que nos levam a saber que a Bíblia é inspirada pelo Espírito Santo. Deixamos aqui uma pequena mostra que o comprova:

ANTIGO TESTAMENTO	NOVO TESTAMENTO
Ele será descendente da tribo de Judá Gênesis 49,10 “Não se apartará o cetro de Judá, nem o bastão de comando dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence por direito, e a quem devem obediência os povos”.	Lucas 3,33 “...filho de Aminadab, filho de Arão, filho de Ersom, filho de Farés, filho de Judá...”
Haverá matança de inocentes em Belém Jeremias 31,15 “Eis o que diz o Senhor: ouve-se em Ramá uma voz, lamentos e amargos soluços. É Raquel que chora os filhos, recusando ser consolada, porque já não existem”.	Mateus 2,16 “Vendo, então, Herodes que tinha sido enganado pelos magos, ficou muito irado e mandou massacrar em Belém e nos seus arredores todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo exato que havia indagado dos magos”.

Fugirá para o Egito Oseias 11,1 “Israel era ainda criança, e já eu o amava, e do Egito chamei meu filho”.	Mateus 2,14 “José levantou-se durante a noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito”.
Será desprezado pelos judeus Isaías 53,3 “Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele”.	João 1,11 “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam”.
Entrará triunfalmente em Jerusalém montado num jumento Zacarias 9,9 “Exulta de alegria, filha de Sião, solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei, justo e vitorioso; ele é simples e vem montado num jumento, no potro de uma jumenta”.	João 12,13-15 “Saíram-lhe ao encontro com ramos de palmas, exclamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor, o rei de Israel! Tendo Jesus encontrado um jumentinho, montou nele, segundo o que está escrito: Não temas, filha de Sião, eis que vem o teu rei montado num filho de jumento”
Será traído por um dos seus Salmo 40,10 “Até o próprio amigo em que eu confiava, que partilhava do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”.	Marcos 14,10 “Judas Iscariotes, um dos Doze, foi avistar-se com os sumos sacerdotes para lhes entregar Jesus”.
Julgado, manterá silêncio Isaías 53,7 “Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro, e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador. Ele não abriu a boca”.	Mateus 26,62-63 “Levantou-se o sumo sacerdote e lhe perguntou: Nada tens a responder ao que essa gente depõe contra ti? Jesus, no entanto, permanecia calado. Disse-lhe o sumo sacerdote: Por Deus vivo, conjuro-te que nos digas se és o Cristo, o Filho de Deus?”
Será crucificado com malfeiteiros Isaías 53,12 “Eis por que lhe darei parte com os grandes, e ele dividirá a presa com os poderosos: porque ele próprio deu sua vida, e deixou-se colocar entre os criminosos, tomando sobre si os pecados de muitos homens, e intercedendo pelos culpados”.	Mateus 27,38 “Ao mesmo tempo foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda”.
Suas mãos e pés serão perfurados Salmo 21,17 “Sim, rodeia-me uma malta de cães, cerca-me um bando de malfeiteiros. Traspassaram minhas mãos e meus pés”.	João 20,28 “Depois disse a Tomé: Introduz aqui o teu dedo,vê as minhas mãos. Põe a tua mão no meu lado. Não sejas incrédulo, mas homem de fé. Respondeu-lhe Tomé: Meu Senhor e meu Deus!”
Será escarnecido e desprezado	

<p>Salmo 21,6-9</p> <p>“A vós clamaram e foram salvos; confiaram em vós e não foram confundidos. Eu, porém, sou um verme, não sou homem, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe. Todos os que me vêem zombam de mim; dizem, meneando a cabeça: Esperou no Senhor, pois que ele o livre, que o salve, se o ama”.</p>	<p>Mateus 27,39-40</p> <p>“Os que passavam o injuriavam, sacudiam a cabeça e diziam: Tu, que destróis o templo e o reconstróis em três dias, salva-te a ti mesmo! Se és o Filho de Deus, desce da cruz!”</p>
<p>Nenhum de seus ossos será quebrado</p> <p>Salmo 33,21</p> <p>“Ele protege cada um de seus ossos, nem um só deles será quebrado”.</p>	<p>João 19,33</p> <p>“Chegando, porém, a Jesus, como o vissem já morto, não lhe quebraram as pernas”</p>
<p>Seu lado será traspassado</p> <p>Zacarias 12,10</p> <p>“Farão lamentações sobre aquele que traspassaram, como se fosse um filho único; chorá-lo-ão amargamente como se chora um primogênito”.</p>	<p>João 19,34:</p> <p>“...um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e, imediatamente, saiu sangue e água”.</p>
<p>Sortearão suas vestes</p> <p>Salmo 21,19</p> <p>“Repartem entre si as minhas vestes, e lançam sorte sobre a minha túnica”.</p>	<p>Marcos 15,24</p> <p>“Depois de o terem crucificado, repartiram as suas vestes, tirando a sorte sobre elas, para ver o que tocaria a cada um”.</p>
<p>Será sepultado numa sepultura de ricos</p> <p>Isaías 53,9</p> <p>Foi-lhe dada sepultura ao lado de fascínoras e ao morrer achava-se entre malfeiteiros, se bem que não haja cometido injustiça alguma, e em sua boca nunca tenha havido mentira”.</p>	<p>Mateus 27,57-60</p> <p>“À tardinha, um homem rico de Arimateia, chamado José, que era também discípulo de Jesus, foi procurar Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos cedeu-o. José tomou o corpo, envolveu-o num lençol branco e o depositou num sepulcro novo, que tinha mandado talhar para si na rocha. Depois rolou uma grande pedra à entrada do sepulcro e foi-se embora”.</p>
<p>Ressuscitará!</p> <p>Salmo 15,10</p> <p>“Porque vós não abandonareis minha alma na habitação dos mortos, nem permitireis que vosso Santo conheça a corrupção”.</p>	<p>Mateus 28,9</p> <p>“Nesse momento, Jesus apresentou-se diante delas e disse-lhes: Salve! Aproximaram-se elas e, prostradas diante dele, beijaram-lhe os pés”.</p>
<p>Ascenderá ao céu</p> <p>Salmo 67,19</p> <p>“Subindo nas alturas levastes os cativos; recebestes homens como tributos, aqueles que recusaram habitar com o Senhor Deus”.</p>	<p>Lucas 24,50-51</p> <p>“Depois os levou para Betânia e, levantando as mãos, os abençoou. Enquanto os abençoava, separou-se deles e foi arrebatado ao céu”.</p>

c) A Unidade da Escritura

Uma das grandes lições de D. António Couto é que **a Bíblia é um todo harmónico**: escrita por muitas mãos humanas, mas inspirada por um único Espírito. Por isso, o Antigo e o Novo Testamento não se opõem, mas completam-se.

Ele explica: “*Na Bíblia não há caixote de lixo. Nada é descartável. Até a mais pequena letra terá o seu cumprimento*”. Ler a Escritura é como olhar uma árvore: o Antigo Testamento mostra-nos os ramos e folhas; em Cristo vemos as raízes e a seiva que lhes dá vida.

d) Do Antigo ao Novo Testamento

Os Evangelhos foram escritos a partir da experiência pascal, olhando para trás e relendo a vida de Jesus à luz das Escrituras. Marcos, escrito em tempo de perseguição, apresenta Jesus como a Luz que vem. Mateus destaca a formação dos discípulos. Lucas abre-se aos povos estrangeiros, mostrando que Jesus é luz também para os de fora. João, mais tardio, aprofunda o mistério, revelando Jesus como o Verbo eterno.

A vida e o testemunho dos Apóstolos são a maior prova da veracidade dos Evangelhos: antes da ressurreição fugiram cheios de medo; depois deram a vida com coragem, porque tinham visto o Ressuscitado.

e) O Toco Seco e a Amendoeira

Isaías falava do “toco seco” do qual brotaria um rebento (Is 6,13; 11,1). Jeremias via o ramo da amendoeira que floresce no inverno (Jr 1,11-12). Para D. António Couto, estas imagens simbolizam a esperança: mesmo quando tudo parece morto, Deus faz brotar vida nova.

Esta é a chave da fé cristã: Jesus é o rebento inesperado, nascido em Belém, que traz vida do tronco seco da humanidade ferida.

Síntese

- Profeta → fala em vez de Deus, para o presente.
- Profecias messiânicas → Emanuel, Belém, Galileia, Servo Sofredor, vitória sobre a morte.
- Unidade da Escritura → Antigo e Novo formam um só todo.
- Evangelhos → escritos à luz da Páscoa, testemunho de vida transformada.
- Imagens de esperança → toco seco, amendoeira: Deus faz brotar vida nova.

Reflexão

A leitura cristã do Antigo Testamento não é mera curiosidade académica, mas alimento da fé. As profecias recordam-nos que Deus nunca abandona o seu povo. Mesmo nos tempos de crise, Ele faz nascer rebentos de esperança.

1. Leio a Bíblia como um conjunto de histórias isoladas ou como um todo que converge para Cristo?
2. Reconheço em Jesus o Emanuel, Deus connosco, presente na minha vida?
3. Sou capaz de olhar para os “troncos secos” do meu caminho com esperança de que Deus fará brotar vida nova?

Conclusão

Com esta aula encerramos o primeiro módulo da catequese: **“O que aconteceu antes de Jesus nascer?”**. Vimos como Deus criou, chamou, libertou, corrigiu, prometeu e nunca deixou o seu povo. Todas as páginas do Antigo Testamento são preparação e anúncio.

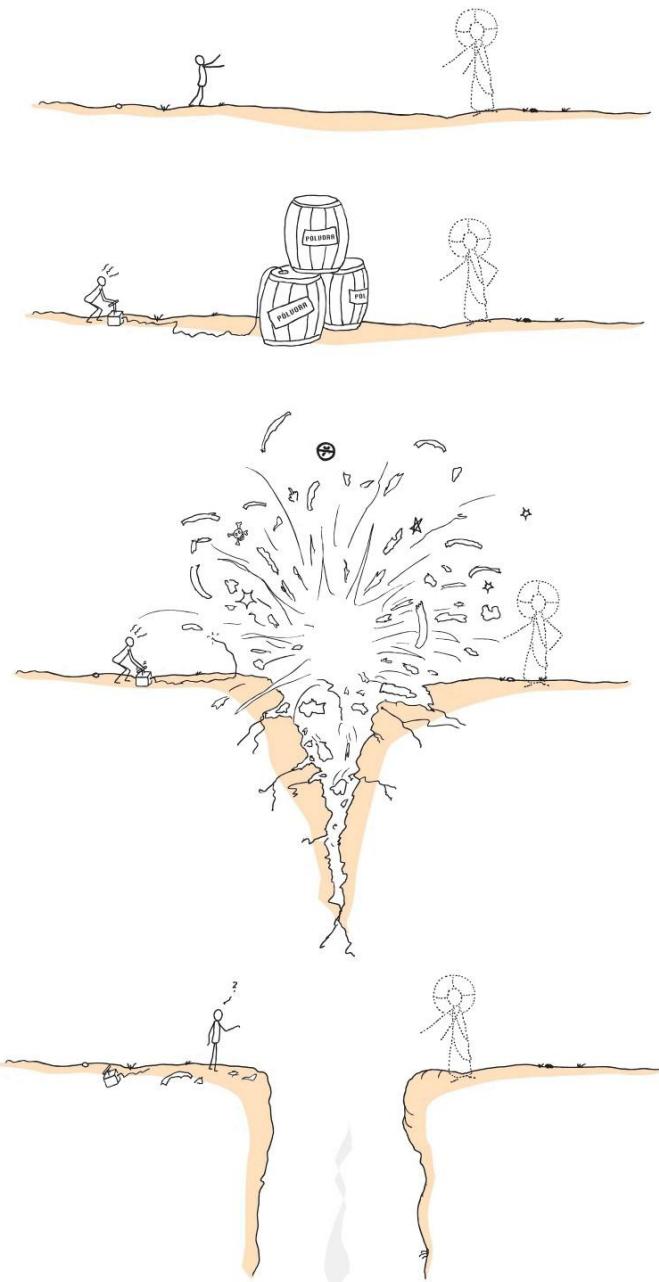
Em Jesus, o Messias, todas as promessas encontram cumprimento. Ele é o Emanuel, o Servo Sofredor, a Luz da Galileia, o Rebento do tronco de Jessé.

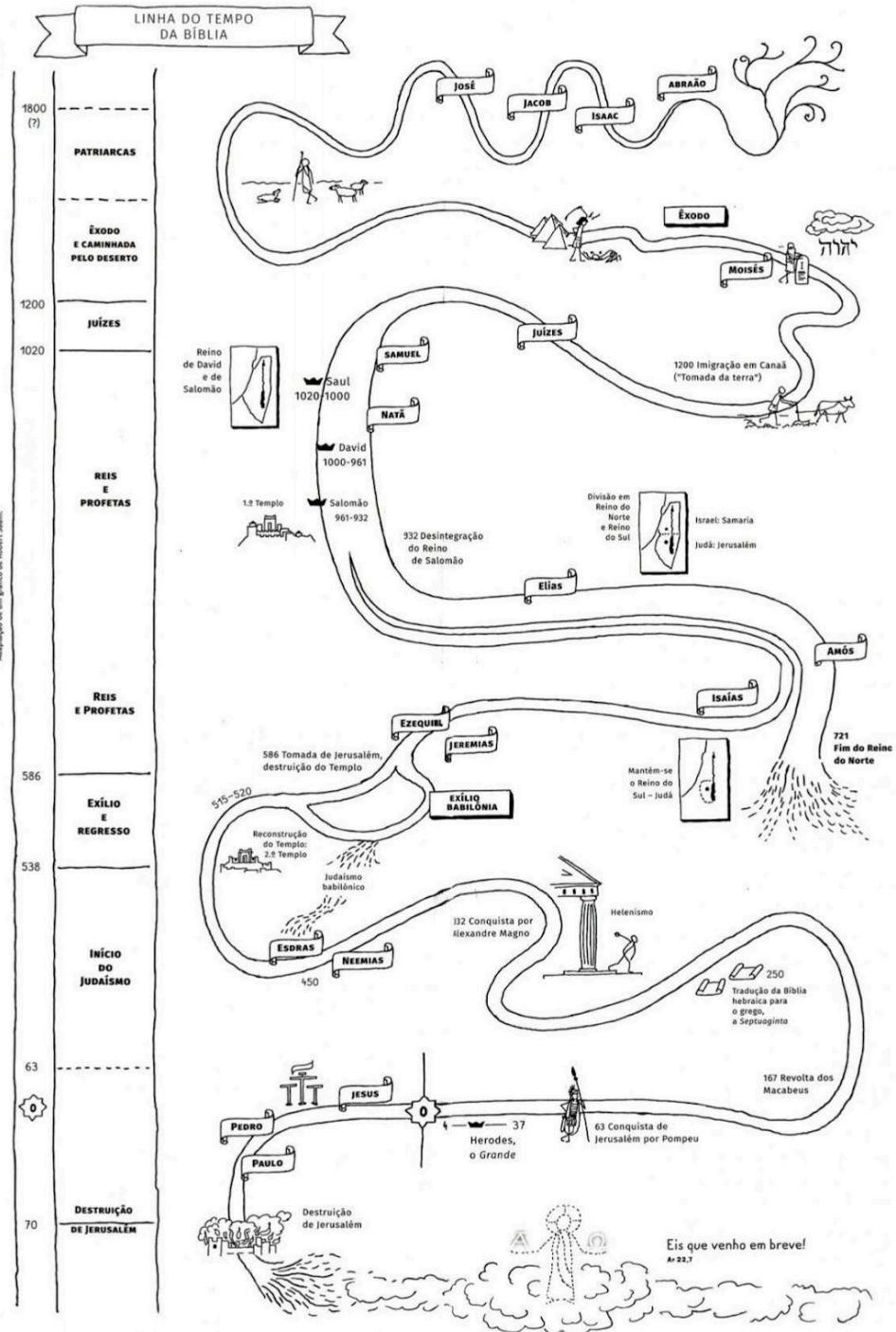
A nossa fé não se apoia apenas na exatidão das profecias, mas no encontro vivo com Cristo Ressuscitado, centro de toda a Escritura. Como disse D. António Couto: *“Nós somos a prova da ressurreição, pela vida transformada que damos ao mundo”*.

*“Eis que eu envio o meu mensageiro,
que preparará o caminho diante de mim; e
de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais,
o anjo da aliança, a quem vós desejais.”*

Malaquias 3, 1 João 14, 6

Apêndice





Antigo Testamento		Novo Testamento	
Gn	Génesis	Mt	Evangelho segundo São Mateus
Ex	Êxodo	Mc	Evangelho segundo São Marcos
Lv	Levítico	Lc	Evangelho segundo São Lucas
Nm	Números	Jo	Evangelho segundo São João
Dt	Deuteronómio	At	Atos dos Apóstolos
Js	Josué	Rm	Epístola aos Romanos
Jz	Juízes	1Cor	1.ª Epístola aos Coríntios
Rt	Rute	2Cor	2.ª Epístola aos Coríntios
1Sm	1.º Livro de Samuel	Gl	Epístola aos Gálatas
2Sm	2.º Livro de Samuel	Ef	Epístola aos Efésios
1Rs	1.º Livro dos Reis	Fp	Epístola aos Filipenses
2Rs	2.º Livro dos Reis	Cl	Epistola aos Colossenses
1Cr	1.º Livro das Crónicas	1Ts	1.ª Epístola aos Tessalonicenses
2Cr	2.º Livro das Crónicas	2Ts	2.ª Epístola aos Tessalonicenses
Esd	Esdras	1Tm	1.ª Epístola a Timóteo
Ne	Neemias	2Tm	2.ª Epístola a Timóteo
Tb	Tobias	Tt	Epístola a Tito
Jdt	Judite	Fm	Epístola a Filémon
Est	Ester	Hb	Epistola aos Hebreus
1Mc	1.º Livro dos Macabeus	Tg	Epístola de São Tiago
2Mc	2.º Livro dos Macabeus	1Pe	1.ª Epístola de São Pedro
Jb	Job	2Pe	2.ª Epístola de São Pedro
Sl	Salmos	1Jo	1.ª Epístola de São João
Pr	Provérbios	2Jo	2.ª Epístola de São João
Ecl	Eclesiastes (ou Coélet)	3Jo	3.ª Epístola de São João
Ct	Cântico dos Cânticos	Jd	Epístola de São Judas
Sb	Sabedoria	Ap	Apocalipse de São João
Sir	Ben-Sirá (Eclesiástico ou Sirácida)		
Is	Isaías		
Jr	Jeremias		
Lm	Lamentações		
Br	Baruc		
Éz	Ezequiel		
Dn	Daniel		
Os	Oseias		
Jl	Joel		
Am	Amós		
Abd	Abdias		
Jon	Jonas		
Mq	Miqueias		
Na	Naum		
Hab	Habacuc		
Sof	Sofonias		
Ag	Ageu		
Zc	Zacarias		
Ml	Malaquias		

Orações

Glória

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.
Como era, no princípio, agora e sempre.
Amém.

Pai Nosso

Pai nosso que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;
venha a nós o vosso reino,
seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido,
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal.

Amém.

Avé Maria

Ave Maria, cheia de graça,
o Senhor é convosco,
bendita sois vós entre as mulheres
e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.
Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores,
agora e na hora da nossa morte.

Amém.

Salvé rainha

Salve Rainha, Mãe de misericórdia,
vida, docura, esperança nossa, salve!
A vós bradamos, os degredados filhos de Eva,
a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas.
Eia, pois, Advogada nossa,
esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei,
e depois deste desterro mostrai-nos Jesus,
bendito fruto de vosso ventre,
ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.
Rogai por nós, Santa Mãe de Deus!

Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Amém.

Ato de contrição

Meus Deus, porque sois tão bom,
tenho muito pena de Vos ter ofendido.
Ajudai-me a não tornar a pecar. Amém.
Amém.

Invocação ao Espírito Santo

Vinde, Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do Vosso amor.
Enviai, Senhor, o Vosso Espírito, e tudo será criado,
E renovareis a face da terra.
Oremos: Ó Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis
com a luz do Espírito Santo,
fazei que apreciemos rectamente todas as coisas
e gozemos sempre da sua consolação.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. Amen.

Angelus

O anjo do Senhor anunciou a Maria.
***E Ela concebeu do Espírito Santo.* (Rezar 1 Avé Maria.)**
Eis aqui a escrava do Senhor.
***Faça-se em mim segundo a vossa palavra.* (Rezar 1 Avé Maria.)**
E o Verbo divino se fez carne.
***E habitou entre nós.* (Rezar 1 Avé Maria.)**
Rogai por nós Santa Mãe de Deus.
Para que sejamos dignos das graças de Cristo.

Oremos. Infundi, Senhor, nós Vos pedimos,
em nossas almas a vossa graça, para que nós,
que conhecemos pela Anunciação do Anjo
a Encarnação de Jesus Cristo, vosso Filho,
cheguemos por sua Paixão e sua Cruz à glória da Ressurreição.
Pelo mesmo Jesus Cristo, Senhor nosso. Amém.

Bênção dos alimentos

(antes da refeição)
Oremos. Abençoai-nos, Senhor,
a nós e a estes alimentos que recebemos das Vossas mãos.
Por Cristo Senhor Noso.
Amém.
Que o Rei da eterna glória nos faça participantes da mesa celestial.
Amém.

(depois da refeição)
Nós Vos damos graças, Deus onipotente,
por todos os vossos benefícios,
Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos.
Amém.
Que Deus nos dê a sua paz.
E a vida eterna.
Amém.

Terço

O terço é composto por 5 mistérios.

*Enuncia-se cada um dos mistérios contemplando-o e de seguida rezam-se
1 Pai-nosso, 10 Avé-Marias e 1 Glória,
seguidos da seguinte jaculatórias:*

Ó Maria concebida sem pecado.

Rogai por nós que recorremos a vós.

Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno.

***Levai as almas todas para o céu
e socorrei principalmente as que mais precisarem.***

(2^ªfeira e sábado)

MISTÉRIOS GOZOSOS

1. A Anunciação à Virgem Maria
2. A visitação de Nossa Senhora à sua prima Santa Isabel
3. O nascimento do Filho de Deus em Belém.
4. A Apresentação do Senhor
5. O Menino-Deus perdido e achado no Templo

(3^ªfeira e 6^ªfeira)

MISTÉRIOS DOLOROSOS

1. A oração de Jesus no Horto
2. A flagelação do Senhor
3. A coroação de espinhos
4. Jesus com a Cruz às costas
5. Jesus morre na Cruz

(4^ªfeira e Domingo)

MISTÉRIOS GLORIOSOS

1. A Ressurreição do Senhor
2. A Ascensão do Senhor aos céus
3. A vinda do Espírito Santo
4. A Assunção de Nossa Senhora
5. A coroação de Maria Santíssima

(5^ªfeira)

MISTÉRIOS LUMINOSOS

1. O batismo do Senhor no Jordão
2. A auto-revelação de Cristo nas bodas de Caná
3. O anúncio do Reino de Deus, convidando à conversão
4. A Transfiguração do Senhor
5. A instituição da Santíssima Eucaristia

Ao fim, recitam-se 3 Ave-Marias e a Salvé-Rainha

Fórmulas da catequese

Os mandamentos da Igreja

1. Participar da Missa aos domingos e festas de guarda e permanecer livres de trabalhos e de atividades que poderiam impedir a santificação desses dias.
2. Confessar os próprios pecados pelo menos uma vez ao ano.
3. Receber o sacramento da Eucaristia pelo menos na Páscoa.
4. Abster-se de comer carne e observar o jejum nos dias estabelecidos pela Igreja.
5. Suprir as necessidades materiais da própria Igreja, segundo as próprias possibilidades.

Os mandamentos da Lei de Deus

1. Adorar a Deus e amá-l'O sobre todas as coisas.
2. Não invocar o santo nome de Deus em vão.
3. Santificar os Domingos e festas de guarda.
4. Honrar pai e mãe (e os outros legítimos superiores).
5. Não matar (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo).
6. Guardar castidade nas palavras e nas obras.
7. Não furtar (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo).
8. Não levantar falsos testemunhos
(nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo).
9. Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos.
10. Não cobiçar as coisas alheias.

Os mandamentos da caridade

1. Amarás o Senhor teu Deus,
com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente.
2. Amarás o próximo como a ti mesmo.

A regra de ouro (Mt 7,12)

Tudo aquilo que quereis que os homens façam a vós, Fazei-o vós mesmos a eles.

As Bem-aventuranças (Mt 5, 3-12)

1. Bem-aventurados os pobres de coração, porque deles é o reino dos céus.
2. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
3. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
4. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.
5. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
6. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.
7. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
8. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.
9. Bem-aventurados sois vós quando vos insultam, vos perseguem
e, mentindo, dizem toda espécie de mal contra vós por minha causa.
Alegrai-vos e exultai, porque grande é a vossa recompensa nos céus.

As virtudes teologais

- 1. Fé
- 2. Esperança
- 3. Caridade

As virtudes cardeais

- 1. Prudência
- 2. Justiça
- 3. Fortaleza
- 4. Temperança

Os dons do Espírito Santo

- 1. Sabedoria
- 2. Inteligência
- 3. Conselho
- 4. Fortaleza
- 5. Ciência
- 6. Piedade
- 7. Temor de Deus

Os frutos do Espírito Santo

- 1. Amor
- 2. Alegria
- 3. Paz
- 4. Paciência
- 5. Benignidade
- 6. Longanimidade
- 7. Benevolência
- 8. Humildade
- 9. Fidelidade
- 10. Modéstia
- 11. Continência
- 12. Castidade

As obras de misericórdia corporal

- 1. Dar de comer aos famintos.
- 2. Dar de beber aos sedentos.
- 3. Vestir os nus.
- 4. Acolher os peregrinos.
- 5. Visitar os enfermos.
- 6. Visitar os encarcerados.
- 7. Sepultar os mortos.

As obras de misericórdia espiritual

- 1. Aconselhar os duvidosos.
- 2. Ensinar os ignorantes.
- 3. Admoestar os pecadores.
- 4. Consolar os aflitos.
- 5. Perdoar as ofensas.
- 6. Suportar as pessoas incômodas.
- 7. Rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos.

Os vícios capitais

- 1. Soberba
- 2. Avareza
- 3. Luxúria
- 4. Ira
- 5. Gula
- 6. Inveja
- 7. Preguiça

Os novíssimos

- 1. Morte
- 2. Juízo
- 3. Inferno
- 4. Paraíso

Quiz - módulo I

I.01. O Homem é capaz de Deus

1. O que significa dizer que o homem tem sede de infinito?
2. Como a fé é compreendida como resposta livre ao dom de Deus?
3. De que forma o facto de sermos imagem e semelhança de Deus orienta a nossa vida?
4. Que relação existe entre razão e fé na busca de Deus?

I.02. Deus mostrou-se a si mesmo

1. Em que consiste a revelação de Deus ao longo da história?
2. Quais são as duas fontes da Revelação segundo a fé católica?
3. Como definir a Bíblia, em poucas palavras?
4. Como se manifesta a unidade entre Antigo e Novo Testamento?

I.03. O mundo tem uma fenda

1. O que narra o Génesis acerca da bondade da criação e da queda do homem?
2. Em que consiste o pecado original e quais as suas consequências?
3. Qual é a promessa de salvação presente em Gn 3,15 (Proto-Evangelho)?
4. Como a Igreja lê a linguagem simbólica dos primeiros capítulos do Génesis?

I.04. A escolha de uma família

1. Quais foram as promessas de Deus a Abraão?
2. Por que Abraão é chamado “pai da fé”?
3. Que sentido tem a prova da fé de Abraão no sacrifício de Isaac?
4. Como a história de Isaac, Jacó e José mostra que Deus escolhe os pequenos?

I.05. A salvação e as águas

1. Que significado teve a travessia do Mar Vermelho para Israel?
2. Como a Páscoa judaica anuncia a Páscoa de Cristo?
3. De que modo a água aparece como sinal ambivalente na Bíblia?
4. Em que sentido o Batismo cristão é prefigurado no Éxodo?

I.06 Os mínimos olímpicos

1. Qual foi a importância da aliança no Sinai e da entrega da Lei?
2. Como os Dez Mandamentos são caminho de liberdade e não de escravidão?
3. Que diferença existe entre lei natural e lei revelada?
4. Como as Bem-aventuranças levam a Lei à plenitude em Cristo?

I.07 A escolha dos homens e os ungidos de Deus

1. Quem foi Josué e qual foi a sua missão?
2. O que caracteriza o tempo dos Juízes em Israel?
3. Por que o povo pediu um rei e como Deus respondeu?
4. Em que sentido David foi “rei segundo o coração de Deus”?

I.08 No melhor pano cai a nódoa

1. Quais foram as virtudes e as quedas de David?
2. Qual foi o papel do profeta Natã na vida de David?
3. Como a misericórdia de Deus se manifesta mesmo após o pecado grave?
4. Que significado teve o reinado de Salomão para Israel?

I.09 A árvore decepada e o rebento

1. Qual foi a missão de Elias entre os profetas?
2. Que denúncia social encontramos no profeta Amós?
3. O que significa a imagem da árvore decepada em Isaías?
4. Como a profecia de Emmanuel (“Deus connosco”) aponta para Cristo?

I.10 A vida no exílio e a terceira via

1. Qual foi a mensagem principal do profeta Jeremias durante o exílio?
2. Como Ezequiel mostrou que Deus não abandonou o seu povo no exílio?
3. O que significa a fidelidade criativa de Daniel?
4. Que “terceira via” Jesus apresenta em relação à condição de exílio humano?

I.11 O recomeço e a renovação dos corações

1. Que importância teve o regresso do exílio para Israel?
2. Que significado teve a reconstrução do Templo e da cidade de Jerusalém?
3. Como a leitura pública da Lei marcou o povo após o exílio?
4. Por que a renovação interior era mais importante do que a reconstrução exterior?

I.12 À espera do Messias

1. Quem são os profetas e qual o seu papel na história da salvação?
2. Quais profecias messiânicas mais se destacam no Antigo Testamento?
3. Como a unidade da Escritura ajuda a compreender a vinda do Messias?
4. O que significa os símbolos bíblicos do rebento do toco seco ou da amendoeira.

"Parabéns por este trabalho [do FiCA] na formação de adultos, que me parece que é uma área absolutamente fulcral nos tempos que correm.

Se nós [Igreja] não fizermos este trabalho corremos o risco de perder não apenas as crianças, para as quais já há oferta organizada, mas sobretudo os seus pais e avós.

É fundamental termos uma formação alargada, o mais possível."

D. António Couto, Bispo de Lamego

Convidado do podcast FiCA no Episódio I.12



Pároquia de Nossa Senhora da Areosa, Porto